

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

HERMANN SCHATZMAYR
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Hermann Gonçalves Schatzmayr (H)

Entrevistadores – Anna Beatriz de Sá Almeida (A) e Dilene Raimundo do Nascimento(D)

Data – 14/03/2002

Local – Rio de Janeiro/ RJ

Duração – 2h01min

Responsável pela transcrição – Rosa M. J. Dutra

Responsáveis pela conferência de fidelidade – Ives Mauro Junior e Eduardo Cosenza de Faria

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SCHATZMAYR, Hermann Gonçalves. *Hermann Schatzmayr. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2002. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 43p.

Data: 14/03/2002

Fita 1 – Lado A*

D - A gente começaria meio do começo, desde a sua graduação, seu interesse pela Virologia, como isso veio se desenvolvendo.

H - Você que um pouco do pessoal também? Pensei que fosse somente a Pólio.

D - Um pouco pessoal também até a gente entrar na questão da Poliomielite especificamente.

H - Está certo.

D - A gente pelo seu currículo, a gente já viu que o senhor tem a graduação em Medicina Veterinária, na Rural, UFRRJ, fez uma especialização em Microbiologia, na UFRJ. Então, durante a graduação o senhor já desenvolveu interesse pela Microbiologia?

H – É, acontece o seguinte, eu fiz Veterinária na Rural e tinha um professor de Microbiologia, que era um dos melhores do nosso currículo lá, e ele me entusiasmou muito. Também havia lá na Rural, um instituto de virologia, de microbiologia geral, na parte veterinária, na parte animal, que hoje é da EMBRAPA¹, esse instituto, era bastante forte, bem organizado (telefone tocando) e a gente tinha uma ligação com um pessoal, várias pessoas do instituto, então já no segundo ano, no terceiro semestre já, eu me interessei pelo assunto e comecei a freqüentar o laboratório de virologia lá. Era um laboratório sobre raiva e vias astosas, a gente então fazia lá alguns trabalhos e comecei. Então, todo o tempo vago eu ia lá para o estudo, chamado Instituto de Biologia. Esse instituto, Instituto de Biologia Animal (IBA), esse instituto depois se transformou, como eu falei em um instituto grande, que hoje é da EMBRAPA, mas depois eu fui convidado a ser monitor da cadeira de Microbiologia, e comecei então, a dar aulas para alunos de um pouco de virologia.

D - Microbiologia

Legenda:

- Itálico: palavras estrangeiras citadas textualmente; títulos de obras
- Sublinhado: palavras ou expressões citadas com ênfase;UJ
- []: palavra(s) acrescidas na conferência de fidelidade;
- [inaudível]: palavra ou trecho inaudível ou ininteligível
- ... : pausa ou murmúrio durante a entrevista;
- : pausa longa durante a entrevista.
- (risos), (tosse), (choro): registros diversos de sons coletivos (equipe e entrevistado).
- (INTERRUPÇÃO DA FITA): registrar os momentos de interrupção da gravação.

¹ A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

A - Quem era esse professor?

H - Era Augusto Xavier Filho. Ele era uma pessoa muito interessante. Porque, um dia eu... não sei se é importante dizer isso?

A - É importante sim.

H - Um dia ele veio aqui, eu estava nessa cadeira aqui e eu o vi no corredor, eu chamei e falei: “Professor. O senhor está por aqui? Venha conversar comigo.” Ele falou que estava só estou visitando vocês e passou e foi embora. Depois quando eu assumi a presidência, a primeira reunião pública que eu tive, que foi ali no Pavilhão Carlos Chagas, eu quando, entrei. Muita gente aquela confusão toda, ele estava em pé na porta. Eu falei: “Professor! O senhor está por aqui?” E ele falou: “Não. Eu só vim visitá-lo.” E três dias depois ele morreu. Então, ele tinha uma certa áurea comigo, uma certa ligação comigo que realmente é impressionante, eu fiquei realmente impressionado com a situação. Mas, foi uma pessoa que me ajudou muito, me ensinou muito e eu aprendi bastante.

D - É Augusto... como é o nome dele?

H - Augusto Xavier.

D - Augusto Xavier.

H - E esse professor, bom, depois ele me convidou para a cadeira, e eu fiquei com ele lá um tempo, depois eu fiz ... depois acabou veterinária, eu fiz o vestibular de medicina, passei ali na... como é que chama?... na Escola de Medicina e Cirurgia, que hoje é a....

D - UNI-RIO

H - UNI-RIO, fiz o primeiro ano da faculdade, depois eu senti que não era aquilo que eu queria, não tinha muito interesse naquilo, então, eu resolvi deixar realmente a parte médica da carreira, deixei a faculdade e fui fazer o curso, naquele tempo era o único curso que havia no Brasil praticamente, no Rio certamente, que era o curso de microbiologia, lá do Prof. Paulo de Góis. Era o único curso, não havia pós - graduação ainda, né? Não havia pós - graduação ainda, era o Prof. Paulo de Góis. Que é..., foi embrião do Instituto de Microbiologia aqui do Fundão, não é? Que chama também Prof. Paulo de Góes.

Então, eu fiz o curso. O curso era um curso de um ano, um curso bastante pesado, não tinha uma tese formal, porque, não havia ainda um sistema montado, mas era um curso bastante bom, e isso me deu então uma abertura muito grande e eu comecei a trabalhar em outras áreas que eu ano conhecia. Eu comecei a trabalhar por exemplo, em influenza. Influenza humana, que eu não tinha oportunidade antes, também comecei a trabalhar com arbovírus, trabalhei também com encefalite e vírus de febre amarela também. Vírus do grupo dos arbovírus. Então, foi um ano muito interessante e aí fui convidado a ficar lá. Fiquei mais ou menos um ano, um ano e meio aproximadamente, aí eu consegui uma bolsa para o exterior, porque o meu pai é austríaco, então, a gente tinha uma certa ligação com a universidade de Viena. Então, eles me

conseguiram uma bolsa aí eu fui trabalhar um ano no Instituto Higiene da Universidade de Viena. Então, eu fiquei lá um ano, um ano e pouco, praticamente um ano.

D - Tão logo terminou esse curso de especialização...

H - Logo um ano depois mais ou menos. Dali então segui, fiz esse curso lá fora, esse curso então, eu comecei a trabalhar justamente, um dos pontos fortes deles era a Poliomielite. Ele tinha uma estrutura forte de Poliomielite, eles tinham um laboratório privado que fazia vacina de pólio, até hoje faz, chama-se Laboratório Imuno. Esse laboratório tinha um contato forte com o grupo, financiava algumas pesquisas, então eu entrei em Poliomielite lá em Viena, trabalhando com eles. Cheguei a publicar... o meu trabalho foi publicado lá.

D - Nesse período eles já fabricavam a vacina? Quer dizer, seria a cinquenta e nove?

H - A vacina, cinquenta e nove não. Acho que era sessenta, cinquenta e nove eu ainda estava aqui ainda, sessenta é que eu fui para lá. Eu fui em abril de sessenta e voltei em sessenta e um.

D - Hum, Hum. Tá.

H – Então, eu comecei a trabalhar com Pólio, algumas coisas eu já tinha visto aqui, inclusive a gente fez um trabalho com eles juntos, baseado em algumas coisas que eu já tinha visto aqui no Rio também, então foi um tempo muito bom, eu aprendi muito. Na volta eu cheguei na Universidade e infelizmente não tinha nenhum contrato, não tinha nada, eles não conseguiram, contrato nenhum, não tinha nada, realmente nenhuma perspectiva maior de trabalho lá. Então, era diretor aqui do Instituto, o Dr. Joaquim Travassos da Rosa.² O Dr. Joaquim Tavares da Rosa tinha trabalhado aqui no instituto há muitos anos atrás, Henrique Edson, juntamente com o Dr. Hélio Pereira, e o Dr. Joaquim Travassos era diretor do Instituto, no tempo do Jânio Quadros. Ele então, quando soube que eu tinha voltado e estava sem emprego, estava realmente sem nenhuma previsão de onde ia trabalhar, ele então me convidou para vir para cá.

Naquele tempo estava acabando de ser montado aqui um laboratório de Poliomielite, no andar térreo aqui da Rockefeller, esse laboratório, é um laboratório que tinha cerca de... foi um projeto de cerca de quarenta mil dólares, que naquele tempo era muito dinheiro, muito mais que hoje, esse laboratório é um laboratório completo para fazer desenvolvimento e identificação de vírus da Pólio, porque havia interesse em implantar aqui um projeto para servir de apoio, não só para o Brasil, como para toda a América do Sul, porque a Pólio estava começando a ser considerada uma doença importante realmente que tinha que ser trabalhada. Porque, começou a ter... naquele tempo estava começando a ter a vacina Sabin, a vacina oral. Então, a OPS³ achou que deveria ter um laboratório aqui para fazer os diagnósticos, e também, a gente também fazia o preparo final da vacina. A vacina era comprada o concentrado da vacina e a gente diluía aqui os Pólios um, dois e três e fazia a distribuição. (telefone tocando) Naquele tempo a vacina só servia uma semana, então a gente era obrigado a...

²Dr. Joaquim Travassos da Rosa – foi um renomado bacteriologista e virologista.

³ Organização Pan - Americana de Saúde (OPAS) - organismo internacional de saúde pública com um século de experiência, dedicado a melhorar as condições de saúde dos países das Américas.

Essa vacina era distribuída pelo Ministério a todo o país em latões e era distribuída pelo país todo e era preparada por nós aqui, no segundo andar da Rockefeller. Então, a primeira vacina de Pólio preparada aqui no Brasil, foi essa, não preparada, mas distribuída na fase final.

D - Dr. Hermann o senhor está dizendo que nesse momento, quando o senhor entrou para a Fiocruz, que foi em 1960 e um mais ou menos?

H - 61, maio de 61.

D - Que havia interesse da OPS e do próprio Ministério da Saúde montar esse Laboratório de Pólio, porque a Poliomielite estava sendo considerada nesse momento uma questão de Saúde Pública, um problema a ser encarado e tal. Agora, a pólio já existia antes. (pigarro)

H - Já. Ela já existia antes...

D - O senhor acha que nesse momento é que ocorreram assim mais ações nesse sentido por que?

H - Pelo seguinte, porque a primeira vacina de Pólio foi a vacina Salk é uma vacina inativada. Que começou a trabalhar, começou a ser distribuída em escala maior em 54, essa vacina era muito cara, muito cara. O país tentou, foi feito um pequeno projeto aqui de vacinação, aqui na UFRJ, mas era uma tentativa, mas o custo era muito alto, exatamente em 1960 por aí aproximadamente, tanto que houve, está até anotado aqui, você pode ver depois no original lá. Em cinquenta houve uma enorme epidemia, aqui no Rio de Janeiro, muito grande, então essa epidemia, é claro que despertou o interesse e as pessoas ficaram muito preocupadas com isso, mas a vacina, o preço não se podia pagar a vacina. Não tinha estrutura para seringa. Não tinha seringa descartável, tinha que vacinar quatro vezes uma criança, quatro injeções, isso não funcionou. Então quando surgiu a vacina Sabin, na década de sessenta, no início de 60. Então, imediatamente foi vislumbrado pelo Ministério e pela OPS, que a vacina Sabin que ia entrar no país tinha que ser aplicada, tinha que ser introduzida e era a ferramenta que precisávamos, que nós não tínhamos antes. Então, por isso que se fez esse laboratório, com duas finalidades. Uma estudar a Pólio, identificar o vírus que estava circulante, a gente não tinha nada funcionando aqui no Rio adequadamente, São Paulo tinha o Laboratório Adolpho Lutz que é um laboratório bem feito bem estruturado, que foi pioneiro nisso, mas a gente aqui no Rio não tinha. Então, se vislumbrou que o Rio naquele tempo era ainda a Capital de vida intelectual do país, e ainda era a capital do país na realidade, mudou depois, então o Ministério aqui no Rio, havia um interesse grande de ter aqui no Rio esse laboratório. Então, foi feito esse trabalho. O laboratório era dirigido pelo Dra. Laura Quiroga e tinha um consultor da OMS, que fazia a contrapartida. Eu fui e entrei como um jovem bolsista, eu era bolsista da fundação, não tinha emprego, era só bolsista. Naquele tempo tinha umas bolsas para começar. Então, essas bolsas pegaram muita gente, na realidade esse grupo depois de sessenta e dois, julho de sessenta e dois ele foi absorvido todo, esse grupo de bolsistas, que inclui (inaudível) que trabalha na bacteriologia é uma lista enorme, então esse grupo mais antigo que tem hoje, tudo entrou em julho de sessenta e dois, nós entramos. Então foi Adelir, Ana Come, muita gente, José Juga?,

Pedro Joga?, todo mundo entrou nessa lista, uma lista grande. Tinha umas trinta pessoas, foi o que deu uma renovada no Instituto, o Instituto estava muito parado, estava muito ruim.

D - Tinha umas 30 pessoas como bolsistas?

H - Como bolsistas e que foram absorvidos. Isso deu uma mudança grande, porque não havia concurso, o pessoal daqui não permitia concurso, não deixava abrir concurso. A gente não tinha como entrar, ficava como bolsista, e o bolsista foi ficando, ficando, ficando, até que um dia uma lei nos amparou e nós entramos.

Bom, eu estava falando sobre o laboratório? É, então o laboratório foi criado com essas duas finalidades, uma no fundo introduzia a vacina Sabin, de certa forma no Brasil, então nós começamos a receber a vacina concentrada e diluía, e inclusive fazia o controle, de maneira que nós fazíamos o trabalho completo.

D - E o financiamento era da OPS?

H - É eles deram, o laboratório, deram o laboratório e deram o consultor. Agora o resto era só nosso. Era o pessoal só nosso. O que a Fundação contratou, eu entrei como bolsista, tive muita sorte porque realmente é um laboratório excelente, e outros, tinha o pessoal técnico que estão aí hoje, a maioria já se afastou, já se aposentou, tem bastante técnico aí que já (inaudível) e que foram trabalhar conosco. Então, chegamos a publicar vários trabalhos, está escrito inclusive aqui, mas fundamentalmente a gente fez um trabalho grande.

Depois em sessenta e quatro veio a revolução e ...

D - Tinham muitos casos de Pólio nessa época aqui no Rio?

H - Tinha, tinha bastante.

D - Em 50 e 52, ocorreram epidemias mesmo, importantes.

H - Depois continuou tendo. Continuou tendo.

D - Depois continuou tendo bastante.

H - Teve, teve sim. A gente pode ver. Aqui tem uma descrição, exatamente como foi essa questão de vacinação. Infelizmente a gente sofreu... olha aqui, sessenta foi feito o primeiro estudo sobre vacina oral no Rio de Janeiro que foi em Petrópolis. Depois então que começou, nós não estávamos no grupo ainda não. Logo no ano seguinte que nós começamos a entrar. Então, foi em sessenta e oito que foi implantado sistema de notificação renal (inaudível) importante, mas a gente sabia, a gente trabalhou muito naquele tempo com o Hospital Jesus...

D - Hospital Jesus.

H - ...que era a Dra. Itamara Meilman, que era a chefe de lá. Itamara Meilman, ela tem, inclusive, em um trabalho aqui dentro o nome dela escrito que a gente publicou junto algumas coisas, ela tinha um serviço lá de Poliomielite, (pigarro) eu vi muita criança com pólio ainda,

com pulmão de aço inclusive, criança morrendo, eu vi criança morrer na minha frente, nós estávamos lá visitando, coletando material a criança morreu. Então, realmente era, era um drama ainda, era um drama muito sério. Então, infelizmente veio a revolução de sessenta e quatro e o (inaudível) veio para diretoria e ele indicou, ele retirou a Laura Quiroga da diretoria e colocou outra pessoa lá, que não tinha nenhum interesse por Pólio. Então o negócio começou a degradar, como eu vi que...

D - Ele tirou todos os antigos do laboratório né?

H - É ele tirou a Dra. Laura e a mim ele quis obrigar a fazer o curso de... foi em sessenta e quatro. Ele queria que eu fizesse o curso de Manguinhos. Mas só que eu tinha conseguido uma bolsa para o exterior, para a Alemanha, uma bolsa muito difícil de conseguir, uma bolsa de competição, eu falei que preferia fazer a bolsa. Então, ele falou você não vai, fazer a bolsa você não vai. Mas como não vou? Eu não vou lhe permitir sair. Ali eu peguei um ano para sair, foi um inferno. Consegui uns amigos do Ministério, daqui, para ali, eu cheguei inclusive a pedir demissão. Eu tinha uma carta de demissão porque eu tinha que ir para a bolsa, eu não ia perder aquela bolsa. Aí ele percebeu que o negócio ia se complicar, porque uma demissão assim, pedi demissão, eu ainda coloquei o porque eu estava saindo, e aí ele resolveu Lagoa resolveu me liberar, eu então fui para a bolsa.

D - Que é essa bolsa na Alemanha?

H - Na Alemanha. Eu fui fazer o doutorado lá. Essa bolsa foi de noven... foi de 65... 66. Então, eu fiz a bolsa lá. Com isso, e fiz a minha tese foi sobre Poliomielite. Depois eu publiquei aqui no Brasil a tese. Mas então, esse processo degradou o laboratório, degradou, porque eu senti que não podia sair. (telefone tocando)

Antes de eu sair para a Alemanha, para que não acabasse o laboratório lá de... do serviço de Pólio aqui no Rio, eu então ajudei a montar o laboratório que é hoje o Noel Nutels, eu montei o laboratório de Noel Nutels, então eu fui lá ensinar a trabalhar. Então, eu ficava de manhã lá e de tarde aqui, então foi um momento, foi por isso então que inclusive eu comecei, começamos a fazer o diagnóstico de Pólio lá. Porque aqui parou.

D - Foi por isso que se manteve o serviço de Pólio?

H - Através de lá, porque aqui não deixaram entrar.

A - E lá quem era a equipe que estava com o sr? quem era as pessoas que estavam com o senhor?

H - Quem estava lá era o Francisco Carvalho e Silva que era o diretor, o Silvio Torres também que era o nosso pesquisador principal lá, Francisco Carvalho e Silva e o Silvio Torres que estavam lá também.

D - Que era o pessoal que tinha estado no laboratório aqui?

H - Não. Não, eram pessoas amigas minhas e que me convidaram para ficar lá quando viram que aqui ia parar. Então eu não tinha nada, eu peguei...

D - Então não o pessoal afastado do laboratório daqui que montou...

H - Não, só eu que fui para lá, mas não tinha quase ninguém, aqui só tinha três pessoas, então tinha pouca gente no laboratório. (telefone tocando) A Laura se afastou. Ele afastou a Laura... e ela inclusive faleceu, não muito tempo depois. O laboratório ficou parado, um laboratório rico daqueles, ficou parado aí.

A - E esse montar lá significa que também levar alguns equipamentos daqui?

H - Equipamentos não. O que eu levei, eu fui, eu fui. Lá eles tinham muita coisa antiga, a gente foi procurar, eu me lembro que a gente foi no São Sebastião, consegui lá umas centrífugas, algumas coisas assim. Meio heróicas. Eu me lembro que a gente tinha que ferver o material, então a gente foi lá no São Sebastião, fomos lá na sucata deles procurar uma panela. Eles tinham uma deste tamanho para fazer feijoada e a gente usava aquela panela para ferver o material do laboratório (risos). Então, era realmente coisas muito heróicas.

D - E não teve financiamento esse laboratório?

H - Não. Infelizmente, o Estado sempre muito pobre, não conseguimos nada, eu não me lembro, eu não ganhava nada, eu só ia lá por, naquele tempo um pesquisador de Manguinhos ganhava quatro salários mínimos.

D - Quatro?

H - Quatro.

H - Era o meu salário. Se bem que o salário mínimo naquele tempo era maior que hoje. Mas era um salário muito baixo. Não é?

D - É tinha um significado diferente.

H - Todos nós ganhávamos quatro salários mínimos.

D - Dr. Hermann, o senhor disse que o laboratório que foi montado aqui na Fiocruz, foi um interesse conjugado da OPS, Ministério da Saúde, em suma. Isso queria ter uma forma de controlar a Poliomielite, de intervir na situação da Pólio.

H - É, que eles verificaram isso, que precisava saber que vírus estava circulando aqui, que ninguém sabia, se era um, dois ou três. Também montar a... distribuir vacinas.

D - Desenvolver a vacina, a questão da vacina. Aí quando aqui foi fechado praticamente. Porque a equipe saiu e abriu Noel Nutels, a OPS não manteve o interesse em financiar isso? Por que? Vocês não pediram?

H - Não. Ela ficou, ela ficou muito irritada evidentemente, porque percebeu claramente que o laboratório começou a fazer herpes. Os herpes, não tinha nada com isso, ela pagou para fazer Pólio, financiou um laboratório de Pólio, tinha um convênio assinado, mas em que o pessoal ignorou. Começou a fazer outra coisa, então Pólio acabou, não se fazia mais Pólio. Depois veio um outro, veio um cidadão lá, que a OPS tinha recomendado, ficou aqui um tempo, para fazer Hepatite A, não tinha nada haver com Pólio também. O laboratório ficou aí a mapioca(?) realmente se perdeu muita coisa, infelizmente. Então, foi uma das coisas ruins que a Revolução fez com esse negócio de destruir esse laboratório.

D - Fechar praticamente o laboratório?

H - Fechar o laboratório...

D - A equipe de virologia, a que fazia vacina e a que fazia o diagnóstico do vírus, era a mesma? Ou eram equipes diferentes?

H - Era a mesma, era a Laura Quiroga e eu, e o consultor o primeiro consultor que ajudou a montar. Inclusive faleceu aqui no Rio, teve um ataque cardíaco.

D - E os vários bolsistas?

H - Não tinha bolsista não, tinha muito técnico, naquele tempo, hoje não tem técnico, naquele tempo tinha, nós tínhamos uns seis técnicos. Vários técnicos que trabalhavam com a gente, o pessoal da lavagem, como também tinha uns quatro técnicos, que faziam o trabalho de bancada. Naquele tempo era diferente, não tinha bolsista, tinha técnico. O enfoque é diferente. Você não tinha aquisição de bolsas, não conseguia. (mexendo em papéis) Quer dizer, eram muito poucas, não tinha CNPq ainda funcionando direito, ainda não tinha.

D - Não tinha quem financiasse a bolsa. Quem pagasse a bolsa.

H - Não tinha financiamento que pagasse, em uma escala maior. (pausa)

H - Aí como estava a coisa?

A - Voltou da Alemanha. (telefone toca)

D - Voltou da Alemanha, publicou a tese...

H - Foi, aí voltei. Foi, quando eu voltei da Alemanha, foi em 65, 66 né?

D - 66 para 67.

H - É. 66 é, no final de 66, eu cheguei aqui, aí o Lagoa me transferiu para Belo Horizonte. Disse que eu tinha que eu tinha que ir para Belo Horizonte, com gostinho de vingança, né? Eu falei a mesma coisa, para Belo Horizonte eu não posso ir, eu tenho família aqui não posso ir. Se o senhor quiser eu vou ter que tomar a atitude de novamente pedir demissão, ele disse, ficou naquele negócio. Aí finalmente me colocou para, no terceiro andar da Rockefeller para produzir vacina anti-variólica. Que foi o final da produção nossa. A vacina anti-variólica em ovo. E eu fiz essa vacina durante seis meses. Em 67, 66 para 67 eu fiquei lá. Em 67, outubro de 67 a ENSP⁴ que naquele tempo era uma fundação, não tinha nada haver conosco aqui, era uma fundação separada me convidou para ir para lá. Eu então em 67 eu fui para a ENSP, fiquei lá 10 anos, lá montei de novo o laboratório de Poliomielite, voltei a trabalhar em Pólio, voltei a trabalhar em Pólio e o meu assistente principal era o Akira Homma.⁵

D - A ENSP nessa época não tinha nada haver, não era uma unidade da Fiocruz.

H - Na realidade nós somos fundação porque eles eram, nós, ele nos absorveram.

A - Era Fundação de Recursos Humanos?

H - Depois foi Fundação Castelo Branco...

D - Presidente...

A - Eu me lembro.

H - Na realidade teoricamente, eles nos absorveram, eles absorveram esse grupo aqui. Porque eles eram uma Fundação e nós não éramos, então como era muito difícil fazer uma Fundação nova, eles acabaram absorvendo a gente teoricamente. Então eu fiquei lá 10 anos, foram anos muitos bons, porque a Fundação tinha outro enfoque, hoje tem um enfoque diferente, naquele tempo era instrumentalista, trabalhava em cima de instrumentos, então você tinha as áreas, nos tempos do Queirós por exemplo era uma área muito forte, que o Dr. Luis Fernando até hoje vai lá. Era o Dr. Luis Fernando, Sérgio Coutinho e eu. Eram três pessoas, três pessoas fortes que depois, os três vieram a ser.

D - Veio a ser. Não o Luis Fernando não.

H - O Luis Fernando chegou a ser presidente né?

D - É. Mas não veio...

H - Os dois foram presidentes e o Coutinho foi diretor do IOC.⁶ Então era um grupo forte que estava lá, e que tocou o departamento com muita garra e conseguiu fazer um bom

⁴ ENSP - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, criada em 1954.

⁵ Ref. A outro entrevistado do projeto médico veterinário Dr. AKira Homma.

⁶ IOC – Instituto Oswaldo Cruz.

departamento, foram 10 anos muito bons. Se produziu muito, se trabalhou muito, o Akira as pessoas conhecem é um cara excepcional. Eu que trouxe o Akira para cá.

D - O senhor já conhecia o Akira? Antes de trabalhar aqui.

H - Eu o conhecia lá do Pan Americano, ele trabalhava no Pan Americano de Astosa, porque ele também é veterinário. Eu então, fui lá uma vez e o convidei para ver se ele queria vir para cá, ele resolveu aceitar. Ele era técnico lá, ele não era do quadro, ele era técnico do laboratório.

D - Aqui ele já entrou contratado?

H - Ele já entrou contratado, pela CLT, era CLT.

D - Pela Fundação, ENSP?

H - É. Eu fui para lá com um contrato também, era uma ajuste entre as duas instituições, eu não sei bem com era, aí eu fiquei lá dez anos. Depois, quando aí a escola começou a mudar, começou a dar menos valor a essa parte de laboratório, aí desenvolveu outras áreas de planejamento, outras áreas que... Aí nós resolvemos sair de lá. Eu, o Coutinho, resolvemos sair, então nós viemos, era do tempo de Vinícius da Fonseca, que está dando uma outra dimensão, estava movimentando isso aqui bastante, tinha, aumentou o salário da gente aqui também, a Fundação e tudo, então valia a pena a gente voltar. Então, o Vinícius Fonseca me convidou para coordenar o programa de vírus. Não tinha um departamento, era programa vírus. Então, eu vim com o meu grupo para cá. E essa sala estava vazia, porque tinha o grupo da micrologia. Aqui era a micrologia antigamente. No quinto andar do prédio da Rocha Lima, só que dos cinco da micrologia quatro foram cassados. Então, isso aqui estava fazendo, não tinha ninguém tinha ido todo mundo embora. Então a gente, acertou-se com a colega que estava aqui, ela recebeu uma outra área, lá no Cardoso Fontes e eu peguei essa parte daqui. Então, nós viemos para cá. Montamos o laboratório que começou, o departamento começou a se replantar aqui o departamento. Então, começamos a contratar pessoas, foi um trabalho aí ao longo dos anos, foram montando cada um dos laboratórios. É que nós somos, oito laboratórios credenciados e três a serem credenciados. São onze laboratórios hoje na micrologia. Então, pouco a pouco eu fui absorvendo pessoas, contratando, orientando para fazer doutorado fora, aquela coisa toda, no país também, dependendo. Então é o departamento, eu acho que é o maior do IOC. Depois nós ganhamos, não me lembro que ano que foi, depois nós ganhamos lá uma área, não sei se foi nos anos oitenta por aí. Ganhamos uma área lá no Cardoso Fontes, então hoje nós estamos quebrados. Uma parte lá outra aqui. Isso já há anos essa história aí, estamos esperando agora o prédio novo. Vamos ver se... mas diga aí.

D - Mas vamos voltar aqui para o Laboratório no Departamento de Ciências Biológicas da Fundação ENSP ainda. (risos)

H - Fundação ENSP. Ela chamava-se FENSP.⁷

⁷ FENSP – Fundo Escola Nacional de Saúde Pública.

D - Quer dizer a equipe de trabalho que o senhor já disse quem era. Foi lá que ficou demonstrado a necessidade de aumentar o tipo três?

H - Foi.

D - Na vacina Sabin?

H - Exatamente, essa foi uma das...

D - Como isso aconteceu? Como foi o desenvolvimento da pesquisa para chegar a essa conclusão?

H - Ocorreu o seguinte. Começaram a aparecer alguns surtos com o tipo três predominando e nós tínhamos feito trabalhos bem preliminares, antes do trabalho maior, aqui na Baixada, onde se mostrou que havia uma resposta sorológica para o tipo três, quer dizer o soro, a resposta de anticorpo, tipo três mais baixa que os outros. A gente publicou isso, mas essa publicação não tiveram muito valor, não apareceram muito. Depois fizemos esse trabalho... Aí começou-se a ver no Nordeste, apareceram casos tipo três, depois teve um surto aqui no Rio de Janeiro do tipo três também. Então, eu não sei precisar a data, mas foi em torno dos anos setenta, final dos anos setenta. Então, surgiu a hipótese de que, realmente, o tipo três estava pouco na vacina.

Então, nós fizemos um estudo e aí o Ministério nos apoiou, fizemos no Espírito Santo, sendo que foram as melhores publicações que eu tenho, e essa história de estudo no Espírito Santo mostrou claramente que a resposta do tipo dois chegava perto de 100%, o tipo um ficava acima de 80%, 90% e a do tipo três ficava em torno de 70%, 72%. Então, obviamente que ao longo do tempo, se acumulavam pessoas que não tinham anticorpo do tipo três. Então quando o tipo três entrava pegava aquele grupo todo, lógico, óbvio. (pigarro) Então isso foi, nós divulgamos isso, colocamos nas reuniões em Brasília. Isso ficou mais ou menos pendente, e só bem depois foi, bem na frente, nos anos oitenta é que isso foi reconhecido, também fora do país, e o CDC⁸ fez um trabalho, um programa chamado Patriarca. Que também está aqui dentro, vocês podem ver isso depois. Ele fez um trabalho, mostrando que realmente o tipo três tinha que ser aumentado. Então infelizmente a informação levou quase dez anos para ser reconhecida. (telefone tocando) A informação que foi original nossa aqui. Mas é aquele negócio “santo da casa não faz milagres”, então o grupo colocou no papel claramente que tinha que mudar, mas o Ministério e outras pessoas não acharam, e também encareceu um pouco a vacina, o preço subiu um pouco, e esse processo não avançou infelizmente, e certamente muita gente pegou o tipo três, sem necessidade, podendo ter sido coberto antes. Mas isso acontece infelizmente. Então, em termos da contribuição maior do grupo foi justamente isso aí.

Também fizemos outro aspecto importante, foi a virologia de água, que aqui no Brasil não tinha nada, a gente começou a montar, eu fiz a minha tese de livre docência nisso, e o Dr. Akira também na USP, esse trabalho foi pioneiro no país e até hoje lá...

⁸ CDC – Centro de Doenças.

Fita 1 – Lado B

D - No caso do laboratório lá da CETESB⁹ vocês contribuíram também para montar?

H - A gente foi para lá, eles fizeram, como ele eram uma instituição com recursos, eles chamaram a gente uma semana, nos deram toda uma estrutura lá e a gente passou uma semana lá trabalhando isso, então mostrando como fazia como fazia com as filtrações em placas, e vários métodos. Testamos vários métodos com eles, para mostrar como se partia, dependendo do volume de água, você depois pegava um concentrado e com esse concentrado você podia pesquisar o vírus ali dentro. Então, a gente fez um trabalho na baía de Santos que foi a minha tese de livre docência e o Akira fez um trabalho aqui no Rio de Janeiro, na baía de Guanabara, aqui que também foi publicado e isso mostrando a presença de vírus nas águas, nas águas de banho naquele tempo. Não Pólio, não encontrou Pólio, mas encontrou outro enterovírus, ecovírus e etc. então na baía de Santos também, mostrando exatamente a poluição, já naquele tempo havia poluição de esgoto na praia, isso até hoje continua. A FEEMA¹⁰ aqui no Rio infelizmente nunca quis montar, a gente tentou e não conseguiu, não avançou, mas em São Paulo manteve isso até hoje. Então essa foi uma, talvez uma das grandes contribuições desse tempo lá.

D - Mas aí, quer dizer, se fazia a pesquisa na água da praia, mas em água de esgoto também? Também fora da praia?

H - Fizemos os dois, fizemos os dois.

D - Fora da praia.

H - Fora da praia.

D - E aí de repente no esgoto se encontrava a Pólio?

H - Se encontrava. No esgoto se encontrava a Pólio. Porque, o esgoto é mais concentrado, tem quantidade maior. É claro, e aí surgiu uma outra linha que até hoje se faz, que é você distinguir que o vírus de Pólio que você isolou, ele é vacinal ou é selvagem, ou transmissor da doença ou se é da vacina. É claro que na semana posterior a campanha da vacina, todos os esgotos do Brasil estão contaminados com Pólio vacinal, obviamente. Então, foi uma linha muito longa, que até hoje se prolonga, você fazer uma análise laboratorial de uma amostra isolada que você diz que é Pólio, saber se ela é vacinal ou não vacinal. Nós praticamente fizemos todos os métodos ao longo dos anos, o nosso grupo foi acompanhando a evolução, então nós começamos a fazer, por exemplo a minha tese na Alemanha já foi de um método de

⁹CETESB - Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, ligada à Secretaria do Meio Ambiente da cidade de São Paulo.

¹⁰ FEEMA – Fundação Estadual de Engenharia e do Meio Ambiente.

separação e Pólio vacinal e não vacinal do tipo um, que era (pigarro) com hidróxido de alumínio. Depois chegamos no Brasil e aplicamos isso durante um certo tempo, mas só funcionava par o tipo um, os outros dois não funcionava, então não tinha muito valor. Depois se começou a se trabalhar com temperatura, inclusive eu fui ao Japão, nos anos oitenta, dentro do projeto daqui do sarampo, que a implantação da vacina do sarampo aqui em baixo, eu fiquei no Japão um mês e meio, estudando justamente o controle de vacina pólio e vendo também a questão desse chamado marcador, se a vacina é, se aquele produto é realmente anti-vacinal ou não, na vacina...

D - No Japão eles são mais avançados nessa tecnologia?

H - É, eles tem mais recursos, eles principalmente tinham uma coisa que a gente não tem, tem hoje até, mas lá eles tem há muitos anos que é o primata, (telefone tocando) porque o teste principal é a ejaculação do macaco, ele tem uma estrutura, e lá o hospital de macaco lá, é melhor que qualquer hospital do INAMPS¹¹ aqui do Rio, é um hospital perfeito, completo. Os macacos lá nascem em condições muito melhor que os daqui.

D - São seres valiosos. (pigarro)

H - Valiosos, são muito. Qualquer criança aqui exceto as de poder muito alto, nascem pior que os macacos lá, em condições piores. Então eles tinham uma estrutura muito forte. Então eu aprendi a fazer esse teste em macacos, depois o Renato Marchelo? que foi lá, e hoje ele faz aqui por Bio-Manguinhos. Mas eu trouxe toda a tecnologia laboratorial, também a separação de amostra vacinal e não vacinal. Depois eu fui à Holanda também para aprender outra tecnologia, com soro humano clonal, depois eu fui nos Estados Unidos, para aprender uma virologia molecular, que já foi a parte final, que é o que se faz até hoje. Então até hoje esse laboratório nosso, eu tenho um Centro Nacional de referência em Poliomielite, que hoje é dirigido pelo Edson da Silva.¹² O Edson hoje faz em virologia molecular, o que a gente foi fazendo ao longo dos anos em vários métodos até chegar a virologia molecular. Então esse nosso laboratório, esse Centro Nacional, ele teve uma papel muito importante, porque começou como eu disse, lá naquele laboratóriozinho lá na Rockefeller, fazendo a vacina e distribuindo a vacina, (mexendo em papéis) dizendo que os vírus estão circulando, depois ele evoluiu para um estudo da quantidade de vírus três na vacina, implantou a virologia de água, depois implantou os métodos ao longo dos anos, todos os métodos mais modernos, sempre que aparece alguma coisa nova, a gente pegava e separava por pólio vacinal e não vacinal e chegando hoje então a virologia molecular, que são as técnicas mais modernas, que hoje permitem dizer a você com muita segurança, até o seqüenciamento final do vírus.

D - Agora Dr. Hermann, assim, a cada técnica nova, vocês iam ao Centro de Pesquisa aprender, vamos dizer assim, trazer para o laboratório da daqui essas tecnologias, isso era fácil, de repente vocês estão pesquisando aqui com uma determinada técnica e aí sabe que no Japão ou na Alemanha ou na Suécia tem uma técnica mais avançada, aí com facilidade vocês

¹¹ INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social.

¹² Ref. A outro entrevistado do projeto Edson Elias da Silva.

conseguem, vocês conseguiam, agora provavelmente até mais facilidade, mas enfim, conseguia-se, vou fazer um estágio no Japão ou na Suíça ou na Alemanha?

H - Isso aí era muito variado, do tempo da ENSP a gente tinha muita facilidade, no tempo da Fundação lá, a Fundação é uma Fundação bastante rica, e a gente tem muita facilidade e podia sair com alguma facilidade, que era a CLT, a gente tinha alguma facilidade de sair do país sem muitos problemas e tinha apoio realmente do grupo lá o Dr. Edmar Serra Góes, tem uma estátua dele lá, um homem fantástico, tinha uma visão fantástica, e ele criou realmente uma dimensão nova, depois no tempo do Vinícius, quando ele veio para cá, o Vinícius tinha bastante recursos e o Vinícius também era uma homem que tinha a visão muito grande das coisas, ele era um homem muito aberto, ele sentia, quando ele sentia que tinha realmente potencial ele apoiava, ele apoiava realmente, ele se esforçava, procurava. Agora, depende muito do esforço pessoal, do contato, você escrever uma carta, naquele tempo era carta, não tinha *e-mail*, você tinha que mandar uma carta, telefonar e conseguir as vezes, você ia para um congresso, aí no congresso você consegui ficar mais que uma semana, para visitar laboratórios. Trabalhar muito junto a OPAS. A OPAS ajudou muito, a OPAS teve um grande programa de erradicação de Poliomielite, foi um programa muito forte, como foi o programa de varíola, que também participei no passado, depois o programa de Pólio, eles tinham muito recursos, eles tinham muita gente que ajudava, muito ONG que ajudava, o ROTARY¹³ ajudou muito, então eles tinham realmente possibilidade de dar bolsas de apoio. O programa do CDC é onde a gente ficou por exemplo, era um programa de treinamento de pessoal, então eles chamavam todas as pessoas, todos os técnicos dos principais laboratório daqui da América do Sul, da América Latina toda, e foi para lá. Foram dez pessoas trabalhar lá. Então é realmente houve um investimento forte da OPAS em Pólio, e até hoje eles estão investindo na realidade, porque ainda estão cuidando da Pólio em outro país que ainda não terminou ainda, eles continuam investindo bastante em Poliomielite no Mundo, e nós entramos nesse sistema, inclusive nós participamos regularmente de todas as reuniões internacionais da OPAS tudo Pólio, todas. A gente participou regularmente, nós éramos, era o nosso padrão. A gente ia lá, ia e sempre apresentava o centro de referência, o brasileiro apresentava os dados como estavam, inclusive eu cheguei a dar acessória a OPAS, laboratórios. Eles me mandavam material para confirmar, até hoje mandam isso, se era Pólio vacinal ou não vacinal. Fizemos isso para o Peru e para a Bolívia durante anos fizemos isso, então eles isolavam um vírus, não tinha como separa um do outro, mandavam para a gente. Também, a gente participou muito em discussões, fizemos manuais também pela OPAS, então assim eu fui também em umas oito reuniões, todo ano tinha uma reunião, para ver como estava o programa, para tentar empurrar para frente, alguns países...

D - Já na fase de erradicação?

H - De erradicação, então nos anos de 70 para 80, então um país fracassava, o Ministro não queria fazer, então ia lá, o auxílio de quadros ia lá, e cobrava o diretor da OPAS cobrava, o Carvalho (inaudível) todo mundo cobrava, e outros que estavam antes, então era marcação em

¹³ Fundação Rotary Internacional Brazil Office - é a principal organização não governamental sem fins lucrativos do mundo, promovendo a paz e a compreensão mundial através de programas internacionais humanitários, educacionais e de intercâmbio cultural.

cima, para vacinar, para vacinar, para montar laboratório, onde está o laboratório, onde está a rede, e também internamente, fizemos uma rede de laboratórios, essa rede de laboratórios, que foi em Belém, Recife, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, tem outros, uns dez laboratórios que chegou a ser montado. Depois, pouco a pouco eles foram acabando, porque a Pólio foi acabando, e ficou só esse laboratório que é justamente esse que é o nosso aqui. Então isso foi, vamos dizer assim, um esforço enorme da OPAS, do Governo também, naquele tempo tinham a frente do Ministério da parte de vacinação o Dr. João Batista Risi¹⁴ que era uma pessoa fantástica, não era esse grupinho que está aí, desculpe falar isso, então era uma pessoa fantástica que tinha uma cabeça muito boa. Então, esse sistema realmente funcionava, e ele era uma pessoa que também cobrava muito, o laboratório era muito cobrado por nós, a gente fazia cursos regularmente, distribuía material para eles, fazia manuais, enfim, também internamente a nível de Brasil, então era um trabalho muito bem organizado, muito bem estruturado, e que tanto o Ministério, quanto a OPAS, realmente fizeram um trabalho muito forte. Então, a Pólio foi erradicada por isso. Diga.

A - Nesse painel desses laboratórios todos no Brasil, qual o senhor apontava que teve mais dificuldade, que tinham mais problemas?

H - Todo o laboratório, é laboratório. Vamos pegar do outro lado, quer dizer, os mais fortes eram São Paulo, nós, Adolpho Lutz e nós, o Recife que foi um filhote muito querido que até hoje a gente ajuda muito lá eles. Hoje já está deslanchado, mas depois, Belém que é um laboratório grande, que fazia (inaudível).

D - O de Recife é da Fiocruz mesmo?

H - Não, não, não. Era os LACEN¹⁵, Laboratório Central. Esses LACEN, depois teve laboratório no sul, no Rio Grande do Sul, a gente ajudou muito. Depois Paraná mais tarde, Santa Catarina também, inclusive tem um moça que até hoje está fazendo uma tese conosco aí, daquele tempo ainda. Que mais? A gente tinha. Belo Horizonte tinha mas foi meio complicado, a politicagem é muito grande lá no Laboratório lá. É difícil a gente operar lá, mas a gente ajudou bastante, quando precisava, a gente mandava soro, mandava antígenos, treinava pessoal. Treinar pessoal era uma constante, todas a semana aparecia alguém lá para treinar, para falar. Gente nova, gente mais antiga, tinha um laboratório lá que não funcionava, por exemplo: Mato Grosso, os dois Mato Grosso, naquele tempo não funcionava, não foi a frente, Rondônia também não foi a frente, Rio Branco também não foi a frente, Acre também não foi a frente. Brasília montou um laboratório de saúde bom, Instituto de Saúde até hoje funciona bem, então a gente também ajudou a montar e depois se deslancharam, foi muito gratificante, porque foi um trabalho que envolveu muita gente e muita gente boa trabalhando. Muita gente que até hoje são amigos, se mantém uma relação muito forte. Então realmente foi um trabalho importante, tanto a nível nacional, com a direção do Risi como Pan Americano, digamos assim, com a direção do Ciro de Quadros que foi uma , era uma cabeça, lutava ia falar com o Ministro, lutava, reclamava até que os programas se implantassem. Então, a vacinação de Pólio foi um trabalho... naquele tempo surgiu aquele problema, do vírus por exemplo, o Risi

¹⁴ Ref. A outro entrevistado do projeto Dr. João Baptista Risi Júnior.

¹⁵ LACEN – Laboratórios Centrais de Saúde Pública.

viu que os Estado vacinavam separadamente, então vacinava aqui, depois vacinava ali e o outro lá não vacinava, então claro que o Pólio ficava circulando. Quando vacinava aqui o Pólio ia para lá, quando vacinava lá o Pólio vinha pra cá. Então, ele viu que não dava, então ele foi que criou aquela história dos Dias de Vacinação. A gente fala que o Sabin ajudou, e tal ele deu apoio, ele concordou, mas a criação da história não foi do Sabin não, foi do Risi. João Batista Risi que disse: “Não! Ou vacina no mesmo dia todo mundo ou não vai acabar isso nunca.”

D - Apesar de que esse era o esquema já em Cuba, né?

H - É, Cuba eles fizeram...

D - Na década de 60 eles fizeram também nesse esquema de vacinação Nacional.

H - Mas aqui no Brasil ele falou claramente, ou faz isso ou não dá. Ele pediu apoio ao Sabin, ele falou para fazer, apoiou, mas na realidade a iniciativa foi nossa aqui, ele que deu essa partida, dentro de uma reunião ele chamou, “tenho um assunto sério a falar para vocês, ou vacina todo mundo no mesmo dia ou não vai acabar a Pólio.” O pessoal ficou assim, e disse que era no mesmo dia, na mesma semana pelo menos. (mexendo em papéis) Eu me lembro muito bem disso. Então foi realmente, foi uma época muito bonita, o Ministério muito tempo estruturado, nessa área de vacinação. Aliás a vacinação até hoje ainda é a melhor, eu acho que ainda é a melhor estrutura do Ministério, ainda é a vacinação até hoje. É realmente muito boa. Então até hoje eu acho que o programa de mobilização ainda é a melhor coisa que o Ministério faz. Então, eu acho que é um espírito, o Risi passou e até hoje ele está lá. Então, é um grupo forte que tem feito muita coisa tem conseguido realmente, tinha erradicado já a varíola antes, e depois erradicou a Pólio e agora está no Sarampo. Está no finalzinho do Sarampo, está muito tendo muito pouco caso epidêmico. Então essa foi, vamos dizer assim, a visualização da Pólio que foi, os últimos casos eu acho que foi em 81, parece, eu não me lembro agora.

D - O último caso no Brasil foi em 89.

H - 89, é.

D - O último caso, foi um caso lá no Nordeste.

H - Isso.

D - Acho que em Recife, não sei.

H - Na Paraíba, Paraíba.

A - Em Sousa na Paraíba.

H - É? Eu me lembro que no final da campanha, apareceu uns casos em Arapiraca, então o Ministério foi para Arapiraca, o Ministério foi para Arapiraca, o Risi falou, vou levar todo

mundo para Arapiraca, foi todo mundo para Arapiraca saber porque deu Pólio lá. Aí saímos naquele mundão, catando crianças lá, foi realmente um negócio fantástico.

D - E por que deu Pólio lá? Ele concluiu?

H - Má vacinação. Porque eles faziam campanhas, as vezes as campanhas eram mal estruturadas, eram campanhas assim, de montagem em cima da hora, e o Prefeito muitas vezes não se interessava, o Secretário de Saúde também muito fraco, muito ruim. Então eles não vacinavam, davam vacinação nas escolas, mas não iam realmente de casa em casa, não chegava na rua, (batendo na mesa) batia na casa, chamava, botava o gelo na esquina da rua que fazia quina, em cada esquina da rua tinha o gelo lá, uma latinha para vacinar, quem passava ia pegando, vacinando, o camarada andava dois quarteirões para vacinar, era assim que fazia com a vacina de Pólio. Então, era uma coisa assim quando começou, quando estava naquela fase agressiva, de procurar de casa em casa. Quando ele não fazia isso, então ficava a população suscetível e acabava pegando. Então foi realmente um trabalho assim, foi um rescaldo da, o rescaldo da Pólio foi um trabalho fantástico. Qualquer suspeita, todo mundo ia para lá. Estudar, procurar...

D - E vacinar. Casa a casa.

H - A já vacinou, não tem problema não, vamos vacinar de novo. Vacina todo mundo de novo. Como a vacina não tem risco nenhum, praticamente, muito, muito, muito baixo, muito baixo. Aí vacinava todo mundo, aí realmente foi um processo assim de abafar, igual fogo. Pegou fogo abafa. O fogo, sai correndo todo mundo atrás. Bem diferente agora de Nova Iguaçu. Que teve o vírus de Pólio e ninguém foi lá combater o mosquito, ninguém fez nada.

D - Pólio não de Dengue. (risos)

H - (inaudível) ótimo (risos). O mosquito estava lá, de dengue, ninguém foi lá combater o mosquito, ninguém fez nada, nada por isso que teve uma epidemia, óbvio.

D - Ninguém foi fazer nada. Voltando um pouquinho, doutor Hermann, do Departamento de Ciências Biológicas da Fundação ENSP, o senhor retornou para o IOC, assumiu uma chefia, a chefia de uma Coordenação Especial para organizar a Bio-Manguinhos, foi inaugurada em 77.

H - Eu estava lá na escola ainda.

D - Como foi o trabalho dessa Coordenação? Quem mais participou e por que nesse momento organizar a Bio-Manguinhos? Qual era a demanda para isso?

H - Não, foi o seguinte. Eu estava lá, ainda na escola ainda, eu saí de lá em outubro, eu fui procurado pelo Dr. Vinícius e ele falou assim, “Você vai vir para cá, para a parte de vírus, mas eu queria que você agora começasse a visualizar uma...”, Porque quem fazia a posição de vacinas, ficava dentro do IOC, eu tinha que fazer vacinas, vacinas anti-variólicas, vacina anti-febre amarela, dentro IOC, o chefe do laboratório era do IOC, então ele disse “Eu vou separar

isso, eu vou fazer um Far-Manguinhos e vou fazer um Bio-Manguinhos, então eu queria que você começasse a pensar como vai ser”.

D - Mas a de Pólio foi para a ENSP? Ou não? Ficou no IOC também?

H - Ficou aqui, ficou aqui.

D - Ficou aqui também?

H - Ficou. (batidas) Na realidade, aquela distribuição que eu comentei, depois acabou, não se fazia mais. Ela foi, porque as indústrias começaram a fazer com um tampão melhor, que durava muito mais, no começo só durava uma semana. Então, tinha que vir congelada, então aqui distribuía uma semana depois a vacina, não tinha mais nada. Mas depois...

D – Então, a Fiocruz parou de produzir a vacina da Pólio?

H - Parou de produzir naquele sistema, depois voltou mais tarde aqui com eles. Aqui não sei quando foi.

D - Já com Bio-Manguinhos.

H - Já com Bio-Manguinhos. Então, o Vinícius me pediu para mim começar a estruturar, o que, como seria a unidade de Bio-Manguinhos. Eu fiz um documento para ele, mostrei a ele, e ele disse. “Você vai ficar como primeiro, vamos dizer, o primeiro coordenador, o primeiro desse núcleo de Bio-Manguinhos”. E eu fiquei talvez uns seis meses mais ou menos. Aí eu tinha dito a ele que o Dr. Akira, o Dr. Akira teve um convite para trabalhar na Alemanha, e ele ficou dois anos na Alemanha, então, ele saiu da ENSP e foi para a Alemanha e ficou lá dois anos. Dois, ou um pouco mais em torno disso. Então eu falei assim, eu tenho um profissional que é figura certa para o Senhor colocar nesse posto aí, que era o Dr. Akira. Então, vamos falar com ele e tal, e ele foi procurar o Dr. Akira, na Alemanha e convenceu o Akira a vir, a voltar para o Brasil, então, (telefone tocando) mas, nesse período em que o Akira não vinha, a gente começou, então a estruturar, então eu coloquei para ele então as várias linhas, o que a gente poderia fazer, em termos de Bio-Manguinhos, o que era a estrutura do que nós tínhamos, como se poderia melhorar isso, quais eram os grupos que poderiam ser convidados. Ele andou convidando as pessoas para vir até aqui, para mim dar uma assessoria. Então, a gente acompanhou esse grupo, houve uma assessoria lá na Febre amarela, houve uma assessoria nessas áreas, aqui, nas antigas áreas da Pólio, na Variólica que tem também, que não dava para trabalhar mais que era no terceiro andar da Rockefeller, e eu tive contato com muita gente que veio. Depois eu fui, eu fiz uma viagem, eu fui pela OPAS, ver alguns laboratórios. Então, foi alguns processos assim realmente de abertura de perspectivas, de idéias novas, novas linhas, o que fazer, sarampo, então foi, e quem vai fazer sarampo. Então, é essa perspectiva que ele não tinha, realmente ninguém para ajuda-lo. Então, eu ajudei mesmo uns seis meses ou um pouco mais que isso. Então foi uma, uma discussão, um *brain storm* Que se diz, uma discussão interna, em que eu procurei dar a ele algumas linhas, de visualização. Ele convidou, ele é uma pessoa muito ativa, ele ia para o exterior, rodava, pegava o trem, ia lá para não sei onde. Então, eu dei a ele muitas idéias e a gente, mais ou menos fixou algumas linhas de trabalho

possíveis, e que visualizou o sarampo com uma possibilidade, visualizou o DTP que tinha que ser recuperado, estava muito ruim, eu mostrei para ele, inclusive eu fiz uma espécie de uma assessoria interna, quer dizer eu rodei pelo laboratório, que estavam produzindo, mostrei, sugeri uma reformulação daquele prédio novo, o prédio novo não, aquele prédio lá da produção da vacina anti... anti febre amarela, como estava precisando de uma reforma, aquele prédio ali, estava precisando de uma reforma, então eu fiz assim, as pessoas que estavam trabalhando, eles me deram o que fazia de vacina aqui que era pouca coisa. Me deram alguma idéias, a gente colocou no papel, algumas coisas foram feitas, alguma obras emergenciais. Então foi um trabalho assim de abertura, de perspectivas novas e de como ele visualizava, como ele podia visualizar.

D - Que resultou em uma melhora dos laboratórios que já funcionavam e uma ampliação para outras vacinas?

H - Foi uma ampliação, para outras perspectivas, porque ele com... eu escrevia as coisas e ele então ia arrumar dinheiro, ia arrumar dinheiro, ele era danado, ele ia catar dinheiro por aí. Para arrumar (inaudível). Então, a gente preparava os documentos para ele, e ele dava as idéias, dizia onde as pessoas estavam e ele é que foi atrás do Akira para convidá-lo para vir para cá, quando o Akira chegou, não me lembro bem o ano, mas já devia estar aqui, devia ser setenta e oito por aí não me lembro bem. Aí eu apresentei o Akira a ele, e ele conversou com ele bastante e então ele assumiu. Quer dizer agora você vai dirigir por mim e aí eu saí. Tinha o departamento também aqui, era muita coisa em cima de mim e eu tinha que cuidar disso aqui também, estava começando, eu estava começando tudo, eu vim de lá com cinco pesquisadores já, vim da ENSP com cinco pesquisadores depois aqui, começou a crescer, então o Akira assumiu, então o meu papel foi esse, um papel de implantar as primeiras idéias, as primeiras perspectivas, procurar pessoas, procurei o próprio Akira, acho que foi a contribuição mais importante, foi essa (risos), coitado do Akira, puxado o Akira de volta pra o Brasil, e dado a possibilidade dele alavancar Bio-Manguinhos em cima da minha experiência e dos contatos que eu tinha, das idéias que eu tinha também, e de alguma forma implantadas e também uma luta de conseguir dinheiro para o grupo que estava aí, para fazer obras, porque estava tudo escangalhado, quebrado. O Vinícius quando pegou a Fundação, a Fundação estava muito ruim, muito ruim. O salário baixíssimo, tudo velho, um negócio sem nenhuma perspectiva e ele fazia umas coisas interessantes, uma vez ele convidou todos para jantar no Jóquei Club, foram todos os pesquisadores. Ele disse, vocês é que são pessoas importantes, a gente tem que jantar em um lugar bonito. Ele era interessante, essa atitude. Ele dizia, vocês são importantes, vocês são gente, vocês tem que vir para coisas boas, conhecer o mundo. A gente ganhando quatro salários mínimos, evidentemente não tinha condições. Depois é que ele me deu. Depois que ele chegou aqui, quando ele chegou aqui o salário nosso subiu quatro vezes. Quando ele chegou aqui, quatro vezes. Quadruplicou. E ai chamou...

D - É uma forma de valorizar o trabalho mesmo.

H - Claro. Aí consegui, chamar o Dr. Lobato de (inaudível) o Dr. Morel então, aquela listagem toda é claro, abri está aqui, vão ganhar tanto, vocês tem isso aqui, vou montar o laboratório, vou quebrar, isso tudo para fazer coisa nova, e o cara vem. Antigamente, o

Vinícius está aqui, deu uma grande virada aqui, ele é uma pessoa notável. Mas diga aí! O quê que ainda tem aí?

A - Essa saída do laboratório da ENSP, teve um momento onde ele passou direto por um Ministério da Saúde, como um Laboratório Central. Teve algum momento? Ficou um pouquinho no Ministério da saúde e depois veio pro IOC? Isso aconteceu?

H - Não. A gente, quando ele estava lá, a gente montou, era um laboratório de Ciências Biológicas. Laboratório de Poliomielite só. Depois quando nós viemos para cá, foi quando começou na década de oitenta, acho que foi oitenta e um, oitenta e dois, que nós fomos nomeados para o Centro em um ponto de referência.

A - Aí virou centro de referência?

H - Foi, foi quando o Risi me conhecia já, ele começou a grande luta da erradicação, então ele, então começou o trabalho, aqui eu descrevo bem, vocês podem ler isso aqui e se tiver algum erro de ano, vocês vão ver por aqui, aqui eu digo exatamente o que aconteceu.

A - É que a gente tinha uma referência de que talvez em setenta e sete ele tivesse ficado um pouco ligado ao Ministério da Saúde depois ter voltado para o IOC? (mexendo em papéis)

H - Não. O que eu me recorde ele não tinha. O laboratório era um grupo forte, trabalhava aqui. Eu trabalhava muito lá, a gente publicava coisas boas e tudo, de repente eles precisavam de uma pessoa, ou de um grupo para dar um, para manter um lastro Laboratorial, e chamou a nós, vocês vão ter que, mas eu já estava aqui nesse prédio eu acho. Eu já estava aqui.

A - Já estava aqui.

H - Foi depois de setenta e sete. Eu tenho até a portaria por aí, mas eu não me lembro agora, onde foi que essa portaria foi, nós fomos editados. Eu tinha essa portaria em algum lugar aí.

A - É isso foi em 80. Vira Centro Internacional de Virologia.

H - Isso! Está aqui, está escrito aqui em oitenta. Está escrito aqui, é foi em 80. Nesse mesmo ano ocorreu O Primeiro Encontro Nacional de Diagnóstico por enterovírus. Então o grupo começou a operar.

D - Sobre esse encontro que eu ia perguntar agora. Quais foram os temas dele, qual a importância dele nesse momento? Porque 1980 também começaram os Dias Nacionais de Vacinação. Tinha alguma coisa haver? Fazia parte de alguma estratégia mais geral do controle da Poliomielite ou não era particular do laboratório mesmo, do departamento?

H - Não, não, não. A Pólio você, como toda a doença, você não pode erradicar sem ter laboratório. Você tinha que ter um laboratório para diagnosticar rapidamente se o caso era um caso de Pólio ou não, rapidamente. E tinha que ver se aquele Pólio era vacinal ou não vacinal.

Tinha que ter uma coisa assim, pau, pau. Em uma semana, tinha que estar o resultado na rua. E isso só era possível se tivesse um laboratório forte, com um grupo bem treinado, com uma tecnologia de ponta daquela época, para dizer rápido. Foi por isso que houve esse esforço enorme, esse de conseguir essa...

D - Essa rede de laboratórios.

H - Essa rede de laboratórios. Então, foram investimentos reais, eles investiam, ele pagavam pessoas do laboratório. A OPAS pelo convênio com o PIS¹⁶, não sei bem. Tinham várias firmas que pagavam pessoas. Eles pagavam cada, cada estado brasileiro tinha um gestor do programa de Pólio, que é da parte Viroológica e tinham muitos que tinham laboratório, tinham gente paga pela OPAS, pagavam pela OPAS. A OPAS pagou, até ... até o que?... (telefone tocando) até eu estar na previdência ainda que ela parou isso, em noventa. Eles pagavam técnicos aqui para nós. Pagavam dois técnicos. Compraram telefone para a gente que não tinha. Telefone com linha direta, a gente não tinha nada. A gente não tinha telefone. Então eles investiram assim direto no laboratório. Botaram dinheiro no laboratório para cá, para cá e para cá. Faziam convênio, faziam uma porção de coisas. Pagavam o laboratório direto. Recife, Rio, Belém, recebiam o dinheiro assim, através de apoio direto.

D - E esse Encontro Nacional foi um pouco para, para divulgar?

H - Esse Encontro Nacional foi uma idéia, eu não me recordo quando é que foi, está escrito em algum lugar aí. Ele era uma forma de conhecer as pessoas que trabalhavam em Pólio, oferecer para participar do projeto, ver quem é que nesse laboratório estava, planejar a vinda para cá, para fazer um planejamento, nas técnicas, depois ver as técnicas de cada um. (telefone tocando) Fazer o controle de qualidade, quer dizer, eles mandavam para cá as amostras. Para a gente provar se era Pólio ou não era realmente para a gente confirmar com o laboratório deles. Então, era a forma de você fazer uma rede, você conversar com todo mundo, ver quem é quem na rede. Quem tinha potencial realmente, e o que cada um estava precisando, dar o mesmo reativo para todo mundo, para ter tudo uniforme, fazer a mesma técnica, tem que fazer exatamente assim. É zero um, é zero um, não tem o que discutir, e quem não fizer assim, então está fora, e cobrar resultados. Visitar também laboratórios. Eu fui em muitos laboratórios, rodava por aí, chegava lá um dia, dormia lá, ia para outro laboratório, no dia seguinte para outro, e assim foi. Era um trabalho assim de formiguinha mesmo. Então, essa idéia foi essa. Então houve outros, outros encontros. Me lembro que nesse encontro a gente escreveu um manual, a noite, sentava a noite e se escrevia um manual. No dia seguinte de manhã a gente discutia, saía com o manual pronto, um manual pequenininho, a gente ia mostrando, a Pólio é assim, a gente ia mostrando, a técnica daquele tempo obviamente, né. As melhores células são para essa, os melhores meios de cultura são esses, a gente manteve essa forma, centrifuga de tal maneira, então é aí.

A - Buscando toda essa padronização. Para todo mundo trabalhar.

¹⁶ PIS - Programa de Integração Social.

H - Essa foi a opcional. Para todo mundo trabalhar igual, para poder você disser assim, é Pólio, saber que foi aquela tecnologia, aquela maneira de fazer, aquele reativo. (mexendo em papéis) A OPAS mandava reativo para a gente às vezes, a gente fazia também. Era um processo muito duro. Você tinha que estar realmente ali em cima (ruído) para não haver erro.

D - Esses manuais eram periodicamente publicado? Revistas? Ou foi uma vez?

H - Eram periodicamente publicados, eram revistas é, eu tenho isso aí. Não, foi feito uma vez, depois, foram revistas. Porque é a medida que eu falei, as técnicas nova iam surgindo, incorporavam as técnicas novas, agora as técnicas novas de diferenciação ficaram mais restritas.

Fita 2 – Lado A

H - Essas técnicas mais caras ficam restritas a laboratórios como Rio, São Paulo, Belém e Recife em geral. Então, se isolavam pólo lá no Paraná, eles mandava para São Paulo, se isolava em Santa Catarina eles mandava para São Paulo, para identificar se era Pólio vacinal ou não. Aqui a gente recebia Minas, Espírito Santo, Bahia. E Recife lá ele recebia do Nordeste, e Belém recebia do Norte. Então era, e até hoje ainda é assim de uma certa forma. São pólos de atração que você mandava a amostra e você dizia se isso aqui era vacinal ou não é. Mas depois quando entrou a parte de biologia molecular, a técnica já bem mais avançada, ficou restrita só aqui. Porque aí, era muito difícil montar aquela técnica em todo lugar. Então ficou só aqui, então nós ficamos, no finalzinho mesmo, da Pólio, nós é que fazíamos a técnica, e como disse, fazíamos para outros lugares. A gente foi muitas vezes no aeroporto pegar material da Bolívia, do Peru, outros que extraviava, era um inferno. (mexendo em papéis)

D - Se extraviava?

H - É, extraviava, porque chega lá no aeroporto, o cara não deixava sair, não sabia o que era aquilo, era uma trapalhada. Muitas vezes, depois a gente conseguiu um esquema de contrabando, muito eficiente, o comandante do avião trazia. (risos) então ele descia lá.

D - Como encomenda pessoal. (risos)

H - Encomenda pessoal, ele descia e ninguém falava nada. Então, era uma maneira. Então, o Loyde Boliviano ajudou muito essa companhia, eu não sei nem se existe ainda. Ajudou muito, porque eles tinham aquele esquema rígido, de passar na cidade e pegar na agencia do Loyde estava lá o isopor. Senão falavam de probleminhas, probleminhas, fazemos todos. Então, era realmente impressionante a vontade de fazer. É interessante, esses heróis anônimos que aparecem por aí, que permitem que a máquina funcione, porque, se você for tentar passar por alfândega com esse material, não passa, o camarada pergunta o que é, quer licença do

Ministério antes, cinco dias antes, às vezes é um negócio de emergência. Aparecia um caso em La Paz, em quarenta e oito horas depois tem que estar aqui, senão não dava para responder, de fosse realmente Pólio, tinha que vacinar todo mundo em volta. Então, o cara queria que uma semana antes fizesse um pedido, carimbo não sei de quem, então era um negócio infernal, mas felizmente, quer dizer a gente venceu, mas na maioria das vezes, às vezes perdia. Não conseguia, (risos) mas havia um esforço de muita gente anônimo por aí.

D - Eu voltaria mais uma vez para ver o seguinte, (risos).

H - Daqui a pouco o Capixano? vai me cobrar. Ele está como presidente hoje né?

D - O Senhor. estava se referindo a gestão do Rocha Lagoa, né? A administração do Rocha Lagoa, em que ele foi demolidor? Ele destruiu o laboratório.

H - É muita coisa que, uma das coisas que ele demoliu foi o laboratório.

D - Ele afastou, e pelo visto não foi só o de virologia, o senhor. falou que quando ele chegou aqui o de micrologia já não tinha mais ninguém praticamente né?

H - O de micrologia foi, é aquela cassação. Aquela cassação a base dela foi a seguinte, quando eu cheguei aqui haviam dois grupos, dois grupos aqui dentro. O grupo da direita e o grupo de esquerda, o de direita é aquela de Olívio da Fonseca, e outras pessoas aí. E o grupo mais de esquerda e aquele grupo, justamente o grupo dos cassados. São pessoas que tinham outras visões. Então esse grupo, eles tinham não sei em que ano aí, tinham assinado um, parece um telegrama... protestando contra ida de tropas do Brasil para a Itália. Então, eu acho que foi Itália, não me lembro bem. Isso aí eu não sei porque eu não estava na política. Então, quando eu cheguei aqui, eu encontrei esses dois grupos, e era um negócio racha forte, era um negócio violento, e eu me lembro quando...

D - Era uma divisão clara?

H - Claríssima, tinha uma lista, certinha. Do Rocha Lagoa, Vinícius da Fonseca e outros aí que estavam naquela lista e outra lista de lá. (pigarro) Quando eu cheguei aqui, me lembro que me perguntaram.

D - Para que grupo o senhor vai? (risos)

H - Que grupo o senhor vai. Aí o meu pai que era imigrante falou assim: “Meu filho não se meta nisso, porque você não tem nenhum tio general, na hora que te pegarem, você não vai sair.” (mexendo em papéis) Então, eu fui pelo meu pai e dizia, não, não vou entra em grupo nenhum e dizia, eu estou fora, eu estou aqui como bolsista, estou fazendo a minha carreira e tal, porque havia, havia reuniões, o grupo de esquerda se reunia regularmente. Todo o grupo se reunia. Reunia, discutia, não sei exatamente o que mas se discutiam. Então, eu me lembro bem das reuniões, assim sábado, aqui na Rockefeller o grupo todo. Ubatuba, o pessoal se reunia, então o outro grupo sabia disso tudo é claro, então quando veio a revolução, obviamente que o

grupo do Lagoa que era, vamos dizer assim que eram os mais radicais, embora nunca viesse aqui, o Lagoa nunca vinha aqui, mas tinha aí uma mesa, e chegava, ficava o dia sem fazer nada, vinha aí. Então, quando chegou lá a diretoria, na mesma hora ele começou o processo, não, as pessoas, e fez a tal lista, dos caras, ele foi um grupo assumiu, ele foi em cima do outro lá. Para acabar com eles, né? Um perigo, e isso é justamente, a gente teve que responder inquérito, todo mundo aqui teve que responder inquérito, no sentido que nós. Responder inquérito não é?, nós tivemos que depor, depor, perguntar o que fazia. Quem tinha sido do diretório acadêmico na faculdade, teve problemas. Eu fui, eu fui presidente do diretório, mas eu não tinha uma linha de esquerda, eu tinha uma linha que me obrigava a fazer as coisas que me pareciam corretas né? Então, eu me lembro que tinha uma fichinha e a gente tinha que escrever, diretório acadêmico. Você foi do diretório acadêmico, eu disse sim, (espirro) aí o cara depois, aí o cara veio pente fino, quando é que foi isso? Que época? Não sei o que lá? Se fui (inaudível) levei uma cadeirada, levei uma cadeirada, mas então era, sabe era um processo assim complicado. Todo mundo teve que depor. Sem exceção todos que estavam aí. E eles tentaram também demitir o nosso grupo, que tinha entrado em sessenta e três, (mexendo em papéis) sessenta e dois então não demitiam, mas tinha no grupo, tinham várias pessoas que interessavam, tinham o Estácio Monteiro, e tal, então eles não demitiram, e quase que se acabou de novo, mas o impedimento não foi, impedimento para o Instituto, porque era quase trinta e cinco pessoas, se botassem para fora, aí era realmente um massacre. Que não ficava ninguém, botava todos os chefes em cima, e todos os bolsistas em baixo, aí acabou, não ficava nada.

D - Não ia sobrar, era melhor fechar logo. Mas pensando o seguinte quer dizer... isso aí é consequência do golpe de sessenta e quatro, com regime de ditadura, né? Quer dizer o primeiro gestor no caso na área, foi Rocha Lagoa, mas os seguintes também fazia parte dessa...

H - O La Cost(?) era do grupo dele.

D - Por quê, que o Vinícius, ainda no período de ditadura, ele tenta construir ao invés de demolir?

H - É o Vinícius é como eu falei, era um camarada que não era da área, ele era economista, até hoje ele é economista, está vivo ainda. Ele é economista e ele veio com o espírito realmente de fazer uma reformulação, porque, o Geisel Chamou ele, do que eu sei, naquele tempo o meu cargo era muito baixo, mas o que eu sei é que o Geisel chamou e disse assim, alguém convenceu o Geisel, não sei como, alguém passou a ele não sei de alguma forma que o Ministério da Saúde era importante como social, mas dentro do órgão da saúde, o órgão destacado era a fundação Oswaldo Cruz. Que está em uma situação muito ruim, houve um levantamento aqui que o Dr. Coura? participou, com três pessoas que vieram avaliar aqui a fundação, e fizeram um relatório muito duro dizendo assim, a situação lá está péssima, as pessoas não ficam lá. As pessoas chegam lá na hora do almoço

D - O Dr. Coura? ainda não era daqui?

H - Não. Não ele era de fora, ele era da Universidade...

D - Ele era da UFRJ.

H - Você pode até conversar com ele sobre isso.

H - De vez em quando ele conta essa história aí. Então, eles chegaram aqui, e encontraram uma situação péssima, um salário baixíssimo, um completo desanimo, um desanimo total, ninguém tinha vontade de fazer nada, não tinha estrutura nenhuma, não tinha conserto das coisas, não tinha, eram pessoas muito baixas, instrumentação velhíssima, não tinha nada novo, tudo parado, tudo sem nenhuma perspectiva, sem, as pessoas não tinham dinheiro para ir a congressos, as pessoas não participavam de nada, ninguém viajava para o exterior, não tinha acesso nenhum, não tinha gente nova nenhuma, era tudo uma velharia danada, o La Corte por exemplo, ficava nesse quarto andar, era ele sozinho, no andar inteirinho só tinha o La Corte, ele e uma técnica e um técnico, eram três pessoas, tinha um andar inteirinho, então, ninguém entrava no laboratório, ninguém conseguia entrar. Então, era um negócio assim medieval. Uma estrutura de algumas pessoas que haviam entrado aqui por algum motivo, como não sei por quem e não sei como. Eram, depois de vinte anos de IOC as pessoas tinham título de professor catedrático, depois de passar vinte anos aqui todos passavam para nível de pessoal catedrático da universidade e também o título, então o professor ganhava o mesmo salário de lá, eram salários razoáveis, naquele tempo. Então o resultado, era m grupo antigo, que não tinha a menor intenção de fazer nada, nem de deixar ninguém entrar, então, realmente era uma situação dramática. Então o Coura sentiu bem isso, ele disse, olha no relatório, existem duas possibilidades, ou se faz alguma coisa ou fecha, porque está, se faz um museu lá e pronto se encerra o assunto. Porque, como está não tem condições nenhuma, então o Geisel bateu o martelo, o Geisel, tanto que tem uma placa com o nome dele lá. Porque, realmente é verdade ele chamou e disse, não. Eu conversei com ele naquele tempo, ele esteve aqui uma vez, chamou várias pessoas para conversar, ele perguntou como está indo o Instituto, como está indo o Dr. Vinicius? Assim de brincadeira. Eu disse, olha o presidente está indo muito bem, acho que nós estamos em uma reforma realmente que nunca tivemos, uma chance enorme. O Vinicius chamava as pessoas para mostra, conversava, apresentava, ele era uma figura interessante. (pigarro) Então, ele comprou um (inaudível) eletrônico para nós, que aquilo era um sonho, não existia, e aí foi que ele comprou lá na Alemanha. Então, o Geisel realmente bateu o martelo, nós temos que mudar isso aí. Quem pode fazer isso? Aí naquele tempo era o Reis Veloso¹⁷, do planejamento, que era muito amigo lá deles, disse assim: olha só, eu tenho um pessoa que não é da área, mas tem todo o perfil para fazer isso. Então, chamou o Vinicius, e o Vinicius veio para cá. Ele chegou, inteiramente desconhecido aqui, não conhecia nada, não sabia direito o que era um microscópio, mas ele muito vivo, em pouquíssimo tempo, ninguém enrolava ele não, ele sabia direitinho, aprendeu com uma rapidez incrível. Ele sabia direitinho o que estava se passando. E ele tinha o poder da caneta. A gente chegava para ele, precisava contratar duas pessoas ele mandava trazer o currículo. E assinava a CLT dele, então ele contratou uma massa de gente grande aqui. Chamou... foi atrás das pessoas, perguntou quem é quem, chamou o Lobato para isso. O Lobato para isso era o vice dentro pesquisa, o Lobato

¹⁷ João Paulo dos Reis Veloso - Formado em [Economia](#) pela antiga Universidade do Brasil, atual [Universidade Federal do Rio de Janeiro](#), foi [Ministro do Planejamento](#) durante os governos de [Emílio Garrastazu Médici](#) e [Ernesto Geisel](#), permanecendo no cargo entre [1969](#) e [1979](#).

então estipulou regras duras aí para bolsistas, tinha que fazer prova, enfim todo o sistema interno aí de realmente tentar pegar os melhores, e ele pediu quem é que pode vir para cá. Então ele chamou, chamou e veio, chamo, veio o Morel?, veio uma listagem grande, Morel? chamou outras pessoas, realmente foi um processo assim, como ele tinha a caneta na mão, ele podia contratar quem ele quisesse, havia dinheiro para isso, e o salário era bom, então realmente deu, quem tiver isso na mão e tiver boa cabeça faz. E também mandou demolir muita coisa. Tinha muito prédio velho escangalhado, ali em frente ao... tem o prédio do relógio, tem ali a casa Fontes, e tem ali outro que foi do Morel? durante muitos anos ali. Ali em frente tinha um prédio.

D - Do lado?

H - É. Do Morel? fica à direita, ao lado fica a do Fontes. Ali no meio tinha um prédio, eu dirigi o Instituto Oswaldo Cruz um mês, mais ou menos. O Dr. Nóbrega estava muito doente, então eu fiquei um mês na direção do Instituto, então, naquela ocasião mandou demolir aquele prédio, era um prédio horroroso, dois andares horrível. Mandou demolir, acabou, então ele foi, nesses laboratórios aí, tudo que era sucata ele colocou, caminhão de sucata, ele colocou tudo naquele depósito ali que é ali naquela antiga oficina mecânica. (telefone tocando) Então, estava cheio de sucata lá, o que serve, serve, o que não serve vai tudo para o lixo. Saiu muito caminhão de sucata aqui de dentro, os laboratórios todos esvaziaram, tudo que era coisa velha, foi tudo embora, algumas coisas ele fez errado, por exemplo a coleção de insetos, ele foi lá queria transferir aqueles insetos lá

D - Também queria jogar para sucata? (risos)

H - Queria jogar para o Museu Nacional, aí foi uma briga danada até que se conseguiu segurar, porque poxa... quando ele não entendia também fazia besteira, mas no geral ele acertava. Então, ele deu essa dimensão nova, né? Criou o Far-Manguinhos, criou o Bio-Manguinhos que não existia, com essa visão nova, o salário melhor, a reforma, dinheiro para fazer, e era um ditadorzinho, um ditador que via perspectiva para o futuro. E com isso, a Fundação teve uma mudança. Ele centralizou tudo. (pigarro) Centralizou, o instituto acabaram praticamente, só existe Fiocruz agora, não existe mais nada, então as outras viraram órgãos, porque, era ele que escolhia os diretores, então perderam a força os institutos, ficou só a Fiocruz mesmo por base, a Fiocruz que era o órgão central que era ele. A Fiocruz era ele. Ficou uns cinco anos quase, até a revolução, realmente até a revolução, ficou, qual é mesmo o nome dele? Um que ficou um tempo longo, que foi o vice dele, esqueci o nome dele.

D - Guilhardo?

H - Isso. Guilhardo Martins Alves. O Guilhardo ficou, mas já não tinha o mesmo com ele, mas também já não tinha mais o Reis Veloso, o Reis Veloso era muito amigo dele, então ele dava muito dinheiro. Já não tinha mais tanto dinheiro.

D - Já não tinha tanto poder.

H - O poder já começou então a diminuir, depois o (pigarro) Arouca chegou foi depois do Arouca, ele já encontrou a Fundação, em relação ao que eu peguei, muito melhor. Em relação ao que eu peguei, o que eu peguei estava um lixo.

D - Pelo menos na infraestrutura estava bastante renovada.

H - Bem renovada, ele, o que ele fez foi dar um direcionamento mais democrático, abertura, no sistema de indicações de pessoas, o Guilhardo, ele não aceitava isso, ele era um ditadorzinho também. Aí, o processo político brasileiro mudou todo, então entrou a democracia e houve esse processo. Toda essa mudança interna. Agora, realmente a base sem dúvida foi o Vinícius, o Vinícius que foi a grande divisor de águas, antes e depois dele, porque a mudança foi radical. Os jardins, ele mandou fazer, ele plantou aquelas rosas, para a mulher dele, hoje o jardim está pior que estava no dele, hoje o jardim está ruim de novo. Está muito ruim, muito mal cuidado, muito bicho, muito porcaria, mal cuidado, mas no tempo dele era muito melhor. Diga aí.

A - A gente estava falando, o laboratório vindo para cá, o senhor. está colocando, colocou para a gente a questão de virar o centro de referência, essa integração com os outros laboratórios, agora eu queria que o senhor contasse um pouquinho para a gente a história dentro do laboratório mesmo, pessoas, as técnicas, por exemplo a Dra. Mitiko, o papel do Instituto Pasteur, para o Senhor. contar um pouquinho para a gente como foi essa retomada da construir o laboratório aqui?

D - E se em algum momento (pigarro) o laboratório de entrovírus é especificamente a Pólio com tanto financiamento de apoio e interesse da OPS, teria tomado, teria tido um tamanho quase que do departamento?

H - Não, não. Acho que desde o começo que o laboratório, quando eu vim para cá já tinha o grupo de Hepatite, a Dra. Clara já estava aqui, que ela entrou lá na escola ainda, no finalzinho, então já tinha a Dra. Ana, a Dra. Rita, então já vieram de lá. Então a Dra. Jussara também, a Jussara ela entrou por lá também, no meu departamento.

D - Os outros laboratórios já tinham um peso razoável no departamento?

H - Já, já tinha alguma coisa. Já, já tinha, o laboratório de vírus respiratórios, e também logo chegou o Dr. Pereira, o Dr. Hélio Pereira, o Dr. Hélio Pereira deu uma visão, ele chegou aqui em torno de oitenta, então logo depois que eu mudei para cá ele também veio. Pouco tempo depois. Então, o Hélio já foi, já foi uma... um peso, um lastro científico forte, muito forte que tomou conta aqui da minha área grande, e começou a trabalhar com o vírus da diarreia, que não tinha. Então, mas já tínhamos, naquele tempo tinha a Hepatite, já montada, duas pessoas na hepatite, tinha o laboratório de Pólio. Bom eu procurei a Mitiko, a Mitiko era de São Paulo, ela estava no laboratório de Pólio e queria vir para o Rio de Janeiro, então, eu a convidei para vir trabalhar aqui, a Mitiko veio, e ela foi, eu indiquei ela par ir para o Pasteur, ela ficou lá um período longo no Pasteur, aprendendo a fazer umas técnicas de soro monoclonal. Então, essa técnica ela trouxe para cá, depois eu convidei o diretor lá do laboratório que ficou conosco

aqui por um tempo curto. Então, foi uma contribuição forte do Pasteur, o monoclonal. Depois veio o Edson, o Edson trabalhava, lá no GPS, ele queria sair de lá, então eu convidei para vir para cá. O Edson era uma pessoa, mais moderna evidentemente, uma pessoa mais jovem, então eu indiquei para fazer a parte molecular. Então, ele só fazia a parte molecular. Então a Mitiko ficou, depois eu pedi a Mitiko para continuar a parte de água, ela começou a fazer a parte de água e ele fazia realmente a parte do laboratório do Centro de Referência. Então, o Centro de Referência passou para ele, ele o Edson, e ela ficou com a parte de água. Para separar um pouco porque junto não deu muito certo então eu separei os dois.

A - E ele com uma técnica da microbiologia molecular?

H - A microbiologia molecular, porque a Mitiko não fazia, ela já era uma pessoa de mais idade e tudo, não avançou, então eu deixei, ele era garotão novo ainda, então ele foi para aquilo a fora.

D - E deu certo?

H - Felizmente! Está lá até hoje, na microbiologia molecular.

D - É ele participou do seminário que a gente andou vendo.

H - Eu naquele dia, não sei porque não pude ir, mas ele sempre foi.

D - É foi muito boa a discussão.

H - Gente eu tenho que ir, daqui há pouco, eu tenho que ir no Ari, o Ari é presidente, eu não posso.

D - A que horas está marcado?

H - Ele pediu para eu subir a hora que eu pudesse.

D - Ah! É ele que pediu para subir?

H - É. Ele que é o presidente aqui hoje.

D - Faltam mais algumas coisinhas.

H - Vamos a mais umas coisinhas aí. O quê que tem aí?

D - Eu acho que é em relação as técnicas de laboratório? Tudo bem! Um pouquinho sobre a sua gestão.

H - A Ana Bispo, ela foi, ela é a assistente da Mitiko né? Ela ficou como assistente da Mitiko num período longo, e depois ela se associou com o Edson e foi para outro prédio lá, e hoje ela faz a febre amarela.

D - Um pouquinho da sua gestão. Como presidente da Fiocruz.

H - Sim.

D - Em que isso reverteu para virologia se reverteu, se teve alguma vantagem, para virologia? (mexendo em papéis)

H - Na realidade...

D - A questão da comissão especial de novas técnicas para a Fiocruz. Que derivou na questão da sua bio segurança né? (mexendo em papéis) Falar um pouquinho sobre isso para a gente.

H - A minha ida para a presidência foi bastante curiosa, eu acho que eu fui o único presidente que nunca deu um telefonema para ser presidente. Nunca dei um telefonema. Então, eu estava aqui no laboratório, então me chamaram em Brasília, o Ministro tinha convidado algumas pessoas para ser o presidente da Fundação. O Luis Fernando Pereira da Silva, ele não quis, não sei mais quem ele convidou, não sei. Mas eu sei que o Luis Antonio ele convidou e ele não quis. Então ele me chamou, ele estava engasgado, porque ele tinha entrado em janeiro, desde, e já estava quase em maio. Estava em maio já, não tinha dinheiro e estava tudo parado. O Luis Fernando ficou como presidente e não tinha um centavo em caixa, não liberou dinheiro nenhum, estava tudo parado aí, na Fundação estava tudo parado, não podia fazer nada, não tinha dinheiro para comprar a comida para os bichos porque não tinha dinheiro. Então, ele me chamou lá, e ele, eu tinha isolado o vírus do dengue, então eu achei que ele queria falar sobre isso, então eu fui falar sobre dengue. Ele disse, não, não é sobre isso não. Você vai ser o presidente. Eu falei assim eu? (risos) então eu levei aquele susto. Mas aí, o Rashman? veio conversar comigo, ele estava lá o Rashman? que era muito amigo dele. Eu acho que foi ele que indicou o meu nome. Eu disse, bom, se as pessoas lá vão me apoiar tudo bem. Eu falei com ele, se eu conseguir um apoio interno tudo bem. Se eu não conseguir, eu não vou ficar lá, (telefone tocando) eu tenho mais o que fazer, ficar me queimando, eu não tenho nenhuma ambição política. Então ele, então a gente conversou com as pessoas. Aí ele me chamou, depois, chamou a segunda vez, a gente já acertou mais ou menos como seria. Eu falei, olha sem dinheiro também não adianta, eu não vou ficar sem dinheiro. Aí ele concordou que não estava lá com dinheiro, não acertava os recursos imediatamente, e ele então me indicou e eu cheguei aqui em uma segunda feira. Eu nunca cheguei em uma segunda - feira aqui de manhã cedo, estava um reboliço aí, muita confusão (risos). Eu falei assim, bom, aí eu cheguei lá na presidência, eu já tinha tido uma assembléia, eu não sabia de nada, já estava tudo numa boa, eu estava lá em Brasília.

D - Estava a maior manifestação.

H - Estava a maior confusão aí. Eu falei, bom, ele foi para uma reunião, eu falei, olha. Vamos conversar todo mundo na sala, porque não vai a lugar nenhum, aí fomos lá para a sala da presidência e tinha uma, foi logo de manhã, às oito horas da manhã, estava todo mundo lá. (inaudível) quis falar comigo, Dr. O senhor, tem uma ordem de demitir todo mundo, eu não vou demitir ninguém. Porque, se eu tiver que demitir alguém eu saio antes, e se eu tenho

ordem de demitir. Porque, na sexta - feira antes da minha posse, era a data de demitir, ou sexta - feira depois que tinha que demitir. Tinha que demitir aquelas pessoas, e eu falei, não meu filho, eu falei. Ele não me pediu para demitir ninguém, agora se ele me pedir eu saio antes, não vou assinar. Eu não vou assinar esse papel para entrar em confusão eu não quero. Aí eles ficaram meio assim, ficaram mais tranquilos, depois foi uma reunião, uma reunião grande, tinha muita gente, tinha todo mundo lá, aí nós sentamos, conversamos, perguntamos. Qual era a ordem que ele tinha me dado. Eu falei, ele não me deu ordem nenhuma. Ele pediu para eu organizar a casa como pesquisador antigo da casa, eu acho que a gente pode fazer isso, isso se ele me der apoio, eu falei com ele, se, eu não posso ser um presidente forte lá fora e fraco aqui dentro, então vocês decidem, se vocês querem e podem me dar apoio, vamos fazer, trocar o negócio. Eu tenho certeza do seguinte: eu não vou trair vocês. Eu não vou demitir ninguém, nem vou fazer nenhum processo contra ninguém, porque não é o meu feitio e eu não sei fazer isso. Eu só sei construir, só sei somar e multiplicar, dividir não sei, então se vocês querem que eu apóie, esse apoio eu acho que pode fazer, pode trabalhar, e eu sei que depois, eu soube que depois eles fizeram uma assembléia parece e o Pedro falou, assim: “ Olha vamos apoiar o Dr. Hermann, ele está aí, é o nosso companheiro...””, se não... eu falei assim, olha se eu não vier a ser, se eu tenho que sair, eu tenho certeza que vai vir um Deputado Federal daqui, então esse negócio vai pegar fogo, porque tem gente de olho nisso aqui, não tenha dúvida. Tem gente de olho nisso aqui, aqui tem muito dinheiro, se não for eu, vai ser outro pior, vai ser um cara de fora, que vai ser mais difícil ainda. Aí foi, acabou a reunião lá às dez horas da manhã, aí eu fui lá no gabinete (telefone tocando) e depois fizeram uma assembléia não sei nesse dia eu não sei se iam me aceitar. E eu comecei a trabalhar. Foi muito curioso, eu acho que hoje não faria não. (risos) Naquele tempo eu era mais louco, eu acho, mais novo, aí começamos a trabalhar, eu convidei as pessoas, que me pareceram assim mais adequadas e começou-se. Começou a entrar dinheiro, foi entrando dinheiro.

D - Entrou dinheiro, e as áreas fortificadas?

H - É, o Rashman? Era um cara muito bom, ele foi o melhor que nós tivemos aqui nessa área de obras, infra-estrutura, ele era muito bom, era um cara fantástico. Ele era um cara apolítico, e não aceitava corrupção de jeito nenhum, tinha horror de dinheiro de coisa assim, de qualquer coisa que ia sentir, ele falava, isso aqui não está me cheirando bem. E a gente não fazia licitação, se ele sentia alguma coisa, ele cortava, então rapidamente, ele fez muita coisa, a biblioteca, a gente começou a montar. Também eu falei para ele, olha quando eu cheguei aqui, (batidas na mesa) para falar a verdade, disseram que essa biblioteca tem que sair daqui do prédio, porque esse prédio está muito cheio de livro e vai acabar cedendo, por causa da construção.

D - O Castelo.

H - O Castelo, então eu falei assim, vamos fazer uma biblioteca, então chamamos o grupo, fizemos o projeto logo de cara, e outras coisas também. A parte de água não tem água aqui, não tem um anel de corrente, o prédio está caindo, então eu fiz uma listagem enorme, e o (inaudível) deu muito dinheiro, deu muito dinheiro, o processo político coibiu muito, infelizmente, a parte técnica. Então, pelo fato de não ter acertado a lista, o psicológico divulga que ele largou a fundação, não é verdade, ele foi, talvez o Ministro que deu mais dinheiro para

a gente. Depois do Vinicius, foi realmente. E sem qualquer denotação política, nunca mais (inaudível) na minha vida. Mas realmente ele deu muito recurso, eu me lembro, a maioria, vinha ele com a folhinha. O Ministro, estou precisando comprar essa máquina para Bio-Manguinhos. Ele falava assim, quanto é que custa? Você sabe o preço? Tem manutenção? Assinava em baixo, na hora, na hora. Quando eu fui levar a ele que houve um problema, os tanques estavam muito ruim, eu levei para ele, Ministro nós vamos ter uma posição nossa interna que é a seguinte, vamos subir de cinco níveis na horizontal para poder ter um cargo melhor, ele falou assim, dá para fazer isso? Já aprovado? Já foi aceito pelo, lá pelo jurídico, ele pegou e assinou em baixo. Sabe, era tudo assim, tudo que eu pedia ele resolvia na hora. E coisas difíceis que ele fez. Na biblioteca, eu quero dinheiro, esse prédio da bio- tecnologia também, eu só não montei porque não deu tempo, porque estava pronto para montar o prédio, ali no prédio de ferro, eu acho que agora vai ser feito, espero eu, mas estava tudo pronto já, aquela rua por fora. Que viva cheio ali, ali é ponto de drogas, aquele botava drogas do lado de cá do rio. Então, ficava tudo amontoado lá, drogas do lado de cá do rio. (telefone tocando) Então, teve aquela rua ali e acabou esse problema. Far - Manguinhos, também, estava um lixo, uma coisa, um lixo. Um prédio a gente conseguiu reformar, a parte da frente toda, a ENSP também acabou de reformar. Então, realmente foi um processo, (inaudível) também se fez muita coisa. Muita obra, ele gostava de obra. Eu também gosto de obra, então foi um, eu acho algo lindo. Esse prédio aqui também.

D - (risos) Aquele Valdenir também.

H – Então, foi um período muito bom, acho que foi legal, acho que dei uma contribuição, acho que eu saí de lá com, na cabaça, com o dever cumprido, eu acho que eu fiz o que eu podia, realmente. Dentro das circunstâncias aí, também aquele negócio, dos PDs. Aqui todo mundo diz que foi Asfoque? Mas não foi ele não, fui eu, que consegui aquilo. Eu fui, tem aqui um chefe de pessoal chamado, Marcelo, e eu convidei para vir para cá, para dar uma mexida aí.

D - É mas, quando diz que foi Asfoque?, Dr. Hermann, porque sem a ação da Asfoque?, o trabalho da Asfoque?, a pressão das Asfoque?, aí a presidência não ia nem...

H – Porque, que não disseram, aí vão pensar que não fui eu. Eu concordo. Eu concordo com você, tanto que eles foram comigo várias vezes lá. Mas eles pararam, ele não conseguiram furar o bloqueio, eu consegui furar o bloqueio. Eu sabia, eu consegui descobrir, não vou dizer como foi, porque pode ter algumas implicações, mas eu descobri um processo, onde tinha alguma coisa exatamente igual ao nosso. O Marcelo, foi o Marcelo que descobriu. Ele disse, vai aparecer um processo igualzinho ao seu, aí eu corri lá, juntei a listagem dentro do processo. Então...

D - Então foi a Asfoque? e o Dr. Hermann.

H - E o Dr. Hermann. Mas o Dr. Hermann infelizmente foi esquecido.

D – (risos) A gente vai passar a anunciar junto da Asfoque? o Dr. Hermann.

H - Mas é isso, então foi um.

D - Mas teve uma outra coisa, não foi durante a sua gestão, essa questão da Bio - segurança? As normas técnicas?

H - Não, não, não. A Bio - segurança foi a seguinte. Já foi a três anos atrás, quatro anos atrás. Foi que me chamaram, me pediram para ser mesmo da comissão da Bio - segurança.

A - Da comissão técnica.

H - Da comissão técnica da Bio - Segurança.

D - Isso é mais recente?

H - É bem mais recente. Acho que foi do tempo do Eloy. Eloy me chamou pediu para ficar lá, eu fui para a comissão, cheguei mais ou menos em outubro, lá outubro de noventa e nove eu acho. Não foi em noventa e oito. Quando que o Eloy estava lá ainda? Quando ele entrou? O (inaudível) foi no ano passado?

D - Foi o Eloy saiu no ano passado. Quer dizer, quatro anos para trás.

A - De noventa e seis a dois mil.

D - Dois mil, nove, oito seis, noventa e seis.

H - É ele me convidou para participar do grupo lá, eu fiquei. Depois no fim daquele mesmo ano, o Vim?, (inaudível) que estava lá pediu para sair, e eu então assumi a comissão, fiquei lá até hoje. Agora inclusive para mim assumir no Bio. De maneira que nós estamos agora. Quando eu cheguei lá já estava bem avançado esse manual aqui, esse manual de novas técnicas. Nós agora estamos fazendo um esforço grande aí de dar um vamos dizer assim, um empurrada geral no processo da Bio - segurança.

Fita 2 – Lado B

H - Existem unidades que são mais fáceis, pelo menos na área de Bio - segurança na área de produção é bem mais fácil, porque é lei, você tem que fazer, você é obrigado a fazer. Você é obrigado por exemplo no laboratório de produção, você é obrigado a escrever, as normas técnicas, (telefone tocando) como é feito tudo, tudo como é feito, qualquer coisa lá. Qualquer tampão, desde o tampão até a limpeza da sala tem que está escrito como é feito. Porque, se houver alguma coisa no produto, você pode dizer assim, pode ser o desinfetante que limpou o chão. Então, você é obrigado a colocar tudo no papel. O Bio-Manguinhos tem uma papelada dessa altura assim. Mas na pesquisa você não consegue. O cara não escreve. Então, a parte de pesquisa em geral tem mais dificuldade de absorver isso. O pesquisador tem outra visão. Não é que ele seja, vamos dizer assim, que ele seja, descuidado exatamente, mas é que ele tem

uma, não tem uma visão dessa disciplina de produção, porque obriga ele a fazer aqueles procedimentos, porque obriga ele estritamente a usar aquela roupa, porque se ele não usar aquela roupa ele pode ter problemas sérios, no produto, então essa é uma mentalidade que não se tem ainda. Então, está se criando isso pouco a pouco. A gente fez esse curso de quatrocentas pessoas por ano, que dá uma mudança lá e ele chamou todo mundo, desde o pessoal da produção até os contínuos, até o almoxarifado. Todo mundo tem que ir lá para o curso, está sendo convidado a ir. E é obrigatório aí a Bio-segurança no Instituto de Pós - graduação, então obriga as pessoas a participar da Pós - graduação como parte de formação a isso. E ontem teve uma discussão grande lá no núcleo de Bio-segurança, que eu estou coordenando também agora para dar uma melhora ainda do curso para ser uma curso ainda mais sério, mais objetivo, mais específico para a parte de nível de Pós - graduação.

Quer dizer a gente, a Bio - segurança são duas coisas fundamentais: uma é o convencimento das pessoas que é importante, porque você pode estar todo paramentado, mas se você chegar e tirar a luva, e botar a mão em um negócio contaminado, você vai se contaminar, não importa que, se você estiver com as quatro luvas, você tira as quatro, você vai atender o telefone com a luva, então você contamina o telefone, não adianta estar todo paramentado, você pega um telefone cheio de HIV, você bota no telefone. Então, depende da pessoa, você tem que estar convencido que aquilo é importante. Senão não adianta. E segundo tem que ter investimento. Que dizer, sem investimento não dá. A posição da presidência atual é ter a Fiocruz saudável em um programa institucional. Que foi feito já. Agora a gente está tentando fechar o Fiocruz como realmente um instrumento, e também com um pouco mais de recurso, porque a parte de Bio -segurança dentro dos recursos saudáveis?, eu não tenho bastante, eu preciso ter mais. E também agora vamos partir pra o IOC, IOC está bastante fraco, está bastante fraco, está precisando dar uma reforma nele, dar uma melhorada. Porque, a Bio - segurança no IOC está precisando realmente de um trabalho mais imediato. Também tem muitos prédios com problemas, remoção de lixo, aqui é um grande problema, é feito em condições meio precárias em alguns prédios, não tem onde ficar o lixo durante o dia. Quando vão ver de tarde está cheio de gato, cheio de coisas. Então, tem varias coisas de infra-estrutura que está precisando melhorar muito, está ainda em uma fase realmente de virada. Estão virando o jogo agora, mas ainda estão empurrando a pedra.

D - Em direção a saúde. A Fiocruz saudável.

H - É exatamente é. Foi considerado, a parte lá de exames periódicos, tudo mais. Aliás, foi uma coisa curiosa, quando eu estava na previdência eu chamei o José Carlos Santiago que está ligado a Fio Previ, eu falei José Carlos, eu achei, tem que fazer isso aqui, igual faz na França. Na França quando você faz aniversário, tem até um papelzinho do seguro social dizendo que você tem que fazer exames de rotina, você tem que ter exame de fezes, exame de urina, tem que ter os (inaudível), pulmão e coração. Isso é o mínimo, você é obrigado, você tem que fazer isso. Então você tem que ir em um lugar para fazer isso. Então, porque não vamos montar isso, eu queria fazer um exame periódico aqui na Fundação, eu acho que vai dar uma mudança grande, tem aqui um plano de saúde que tá aqui na gaveta há muito tempo, desde o tempo do Dr. Arouca que não foi implantado, o Senhor, não quer pensar nisso?, eu disse vamos implantar. Aí foi implantado o plano de saúde a Fio - saúde, foi feita naquele tempo, partindo em cima daquela plano de fazer o exame periódico, e nesse processo de FioCruz saudável o exame periódico está bem forte, está bem claro, tem recursos para isso, acho que vai dar uma

boa avançada aí, uma boa avançada. Agora, a Bio - segurança o investimento é grande, (telefone tocando) você precisa de um milhão, um milhão e meio, o negócio é pesado. O negócio é por ano, e isso eu não sei se vai conseguir assim facilmente. Tem que comprar máquinas, tem que reformar alguns prédios, tem mudar algumas estrutura, principalmente ter uma estrutura interna, tem que ter realmente um equipamento adequado, tem que ter todo o investimento também do individual, as roupas, isso tudo é caro, isso tudo é um negócio sem volta. Um dinheiro que gasta e acabou, então, a gente está ainda tentando vender isso aí dentro da estrutura e da maneira possível. Convencer a estrutura que isso aí é importante. O convencimento até que existe, agora os recursos são poucos. Tem que fazer mais ou menos um balanço entre a possibilidade e a realidade, e a necessidade. Mas, eu acho que a Bio - segurança está mudando, ela está, o conceito já existe, as pessoas entendem. A gente sempre fala quando dá o curso lá...

D - O processo já esta deslanchado.

H - Sempre que eu dou curso lá, eu sempre digo para o pessoal. Olha, vocês tem que sair daqui, quando vocês terminarem o curso vocês tem que mudar par o time de cá, você tem que passa a ser do time de cá. Quer dizer, o time da Bio - segurança, não adianta você chegar aqui, ouvir, porque tem que chegar no laboratório aqui, tem que olhar, todo o dia que vocês chegam aqui, todo o dia vocês perguntam, como é o meu laboratório, como é a minha área de trabalho? O que está errado lá? O que está faltando? Tem que chegar e dizer, isso aqui está errado, tem que dizer para o chefe, tem que dizer para o diretor, tem que dizer para o presidente que está errado. Não adianta dizer para mim só, então essa é a minha idéia, e se realmente você está sentindo isso, porque você diz para o cara, você está com um problema de isso, assim, assim. Ah, é então vamos resolver o problema, claro. O cara não tinha percebido, agora ele percebeu, e tem o trabalho de baixo para cima também, ensinar as pessoas como é o certo. Porque aí, quando não tiver luva, ele vai dizer assim, eu quero luva, sem luva eu não trabalho. Eu quero, não é só luva de laboratório, mas luva protetor também para não meter a mão no negócio pesado, vou me cortar, me machucar. E cadê o meu extintor, está direitinho, está no lugar. Você tem que chegar no laboratório que é o lugar de trabalho de vocês, olhar em volta e dizer assim, o que está errado? E dizer para o chefe, dizer para o diretor, o diretor dizer para o presidente, porque alguém tem que resolver isso. Então, isso está, havendo uma mudança de comportamento, as pessoas começam a conversar. Outro dia, há um tempo atrás, veio.

D - Eu acho que a idéia de incorporar isso em todos os institutos de Pós- graduação.

H - É os alunos tem que fazer.

D - Mesmo que não seja laboratório, em todos.

H - Por exemplo, o almoxarifado é o lugar mais perigoso do mundo. Porque no almoxarifado, chega tudo lá. Chega inflamável, chega cancerígeno, tudo passa por lá, o cara sabe, ele mistura tudo deixa ali, bota lá. Então, coloca nas prateleiras, explode. Então, almoxarifado é perigosíssimo e as pessoas não estão atentas para isso. O cara tem que está visto, vendo direitinho, sabendo sair em uma emergência. A ventilação, tudo tem que estar direitinho, senão um dia tudo explode.

D - Bem, o senhor acha que a experiência com a erradicação da Varíola, com a da erradicação da Pólio? Foi ou não?

H - Foi um transplante praticamente (pigarro), foi um transplante quase completo, vamos dizer quase completo, vamos dizer que todo que se fazia em Pólio, passou a se fazer em Varíola, embora os enfoques de campo seja um pouco diferente, mas é fundamentalmente foi a mesma estrutura, de laboratório, de Coordenação Estadual, Coordenação Regional enfim, todo o processo de reunião contínua, formação da rede de laboratório, tudo igual, tudo a mesma coisa, então acho que foi um transplante muito feliz que eles fizeram. (pigarro)

D - Mas tem uma discussão que a da Varíola era mais centralizada, da Pólio foi descentralizada? No âmbito do laboratório dá para perceber se isso foi diferente?

H – (pigarro) Não, o negocio é o seguinte, a Varíola ela foi muito fiscalizada porque o dinheiro era todo de fora praticamente, foi todo dinheiro de fora. Agora a Pólio não, a Pólio já houve gente, já houve investimento, maior da...

D - Quer dizer, na verdade, o dinheiro da Varíola era para o programa de Varíola, da Pólio meio que se distribuía nos laboratórios...

H - Não, não. A Varíola também veio para o laboratório, mas ela, mas a Pólio já houve uma participação maior da comunidade. Já houve uma participação maior porque, não havia vacinação anual por exemplo, nem vacinação em massa. A vacinação era feita em massa, mas pelo grupo que ia vacinando, porque ia de casa em casa rodando, não era o sistema da população ir durante anos seguidos. Só houve uma vacinação em massa contra a Pólio, contra a Varíola enquanto que a Pólio era constante. Então, houve um outro enfoque, outro tipo de avanço outro tipo de ligação com o mundo, outro tipo de participação da comunidade, da sociedade, então era diferente, mas a principio a forma de trabalhar não era muito diferente não, talvez a Varíola era mais centralizada ainda, mas a Pólio também foi bastante centralizada. Foi bastante centralizada. Porque, era realmente bastante rígido (Bateu na madeira da mesa), as pessoas tinham que fazer daquela forma, e quando você passava para o Estado, o Estado não funcionava, tanto que eu falei, pagava-se um coordenador estadual, pagava-se diretamente do INPS, e o dinheiro na mão dele, senão ele não fazia. E simplesmente o pessoal da ENSP rodou muito por aí, até hoje o Laender, está até hoje no Haiti tentando acabar com a Pólio. Entoa ele veio daquele tempo, era um grupo, era ele o Maranhão vinham daquele tempo, outro daquele tempo também que vieram. É gente assim, eles iam para outros estados rodavam com o secretário, reclamava, e o camarada do local era treinado e vinha até do outro estado, então ele recebia, ele é o coordenador só para Pólio, só para Varíola. (batidas na mesa) Mas essencialmente não foi muito diferente. A doença é diferente, porque, a Pólio é um caso clínico para cada mil infecções aproximadamente, quanto a Varíola não tem casos assintomático. Eu já apareci no rosto. Então, era mais fácil pegar o caso. Você via, a Pólio você não via, não via nada, o cara fica paralítico. Então, era uma forma diferente de trabalhar no campo, mas o laboratório era bem parecido. Tinha o material, tinha o recurso aí fora, tinha os equipamentos, os insumos todos, era bem parecido, é mais complicado, a Pólio é mais fácil.

D - A Pólio é mais fácil?

H - A Pólio é mais difícil.

D - A Varíola que era mais fácil.

H - A Varíola era mais fácil. A Varíola você inocula em dois ou três sistemas, e rapidamente você identifica, a Pólio não. A Pólio tem que ter a cultura do tecido, tem que ter a célula viva, enquanto que a Varíola você usa o ovo embrionado e rapidinho...

D - O da Pólio não pode?

H - O da Pólio não pode.

D - Não se presta para isso, né? E com relação as pesquisas para Pólio no momento assim?

H - Para a Pólio, o que a gente está, o que está se trabalhando muito agora é métodos de diagnóstico rápido. Mais rápido ainda do que se fazia anteriormente. É uma técnica chamada de PCR, uma palavra com todas as três maiúsculas, e não era usada para a Pólio, mas agora está sendo usada. E também a preocupação com outras formas de paralisia, não Pólio. Existe outros vírus também que causam paralisia. E por exemplo, enterovírus setenta e um, sete um, é um vírus muito conhecido que dá uma paralisia clássica também, importante, e no mundo todo tem sido uma preocupação de ver qual é o papel dele na, em casos que parecem Pólio, mas não são. Eu diria que o método de diagnóstico rápido, para você ter um diagnóstico em 24, 48 horas, de um caso suspeito. E um papel de outro enterovírus, em paralisia clássica, em termos de saúde pública são as grandes linhas de movimento. E as técnicas ainda de fazer diferenciação de Pólio.

D - Métodos de diagnósticos? Ou a preocupação de diferenciar o vírus selvagem e o vacinal? É crucial agora ainda.

H - É mais crucial ainda. E como eu disse esse método mais novo do PCR, e também para o papel de outros enterovírus. Porque eles tem um parecer sério, então tem até uma teoria, no ar, saiu o da Pólio entrariam outros para fazer esse mesmo papel. Então, isso é um processo muito contínuo, os vírus também vão mudando um pouquinho, vão se adaptando. No Haiti por exemplo, apareceu um vírus lá que ele é meio selvagem, meio vacinal. Quer dizer o vírus se combinam na natureza, se combinam no intestino, e isso é outra linha também importante, ver essa vacina, essas modificações que as vacinas vão fazendo.

D - Ele teria características de um vírus vacinal e de um vírus selvagem?

H - É. Misturam, o vírus quando sai no intestino das pessoas, ele sai mais violento do quando entrou pela boca. (batidas na mesa) Um processo de replicação no intestino, ele tende a aumentar a virulência dele, tende a aumentar. Então ele lá se encontrou, porque a vacinação é muito pobre, se vacina um pouquinho aqui, pouquinho alí. Não tinha a vacinação em massa.

Então, apareceu esse vírus. Esses vírus é que deram a paralisia lá. São vírus que são meio a meio.

D - E aí o que se faz com um vírus desse?

H - Com um vírus desse, o que está se fazendo, é não deixar ele sair do Haiti. Não deixar ele sair do Haiti, apagar o fogo, não deixar, porque se deixar sair um vírus desse...

D - Mas a vacina funcionaria?

H - Funcionaria, só que se não vacinar, esse vírus roda por aí e pega as pessoas, esse que é o problema.

D - Então, é como se fosse um vírus novo.

H - Um vírus novo, exatamente. Como um vírus influenza novo. Então, esse é um processo que preocupa muito, é muito preocupante, a gente está muito preocupado com isso. Por isso, que todo o ano aqui briga para que não deixe de vacinar, todo o ano, porque se você começar a vacinar pouco, você pode ter, enquanto estiver fora do mundo, vai se misturar com o nosso aqui, talvez tenha uma...

D - Na sua opinião é só quando acabar a Pólio em todos os cantos do mundo? É que deve suspender a vacina?

H - É deve parar, aí eu acho que sim.

D - Antes disso nem pensar?

H - Não, não nem pensar eu acho que é muito arriscado, a prova do Haiti, foi típico, nas Américas já não tinham Pólio há anos, de repente aparece Pólio lá. Parou de vacinar, enquanto tiver Pólio pelo mundo, vai ter problema, vai ter um risco muito alto. Tem populações que não se vacinam, populações religiosas que não se vacinam, tem uma confusões aí. Dentro da Holanda tem um grupo que não se vacina da Pólio. Vacina o boi dele contra a febre aftosa, mas não vacina a criança contra a Pólio, é curioso mas é assim.

A - Tinha uma coisa que eu tinha vontade de perguntar para o Senhor, para a gente fechar. O Senhor, faz parte desse grupo que discute a questão da destruição do vírus da Varíola?

H - É. A gente tem...

A - Em pensar a questão da Varíola, e pensar muito para frente, quando a gente conseguir erradicar do mundo todo, o que vai se pensar em relação a Pólio também?

H - A Pólio já tem, já tem, diretrizes nesse sentido. Os laboratórios de Pólio já foram solicitados, que não redistribuíssem vírus mais. Para o laboratório não passar o vírus fora, e passar a trabalhar em regime de P3, o nível de virose tem que ter o nível de segurança P3, no

sentido de pelo menos todos os vírus isolados, sejam guardado dentro de uma caixa isolados, estritamente trancados até dentro, no fundo do *freezer* lá para evitar que eles circulem. Para evitar que fique ativo inclusive. Mas tem um vírus lá, eu vou dar uma aula pegar o vírus e levar, entendeu, eles não querem mais. Eles querem que fique guardado, e certamente quando chegar o momento vai se precisar destruir o vírus selvagem. O tratamento acabar. Quando veio a ordem OMS¹⁸, eu tinha muita amostra de Varíola aqui, tinha muito, então acabou tudo, fiz um laudo, varias situações, inclusive joguei muito inclusive o Jorge Bermudez também, lá da escola, também fez tese comigo o Jorge do mestrado, ele estava no laboratório naquele tempo, eu chamei o Jorge. Jorge, vamos autoclavar isso aqui, então umas quatro pessoas assinaram, e autoclavaram o material, na frente dele, foi tudo autoclavado e depois mandei tudo para OPAS, depois foi lá para OMS e ficou lá arquivado. Então ficou tudo lá arquivado, foi tudo destruído, e vai ser feito com o tratamento de Pólio também, os laboratórios vão ser convidados a destruir tudo.

D - E aí ficaria só um centro de referência?

H - Eventualmente, é. Para no caso de uma necessidade, fazer um estudo animal, fazer alguma coisa assim. Agora está complicado, agora o nosso grupo lá eu sei voltei para a destruição. Nessa última reunião, foi em dezembro, né? Foi em cima do negócio lá do setor da torre, então houve um recuo, as pessoas ficaram com um pouco de medo, de destruir agora, e acredito. E a gente sempre botava para destruir, e a assembléia geral do OMS não deixava destruir. Porque, eu sei o Cliton Ligou para o diretor do OMS, anterior, disse: “não destrua”. A mesma coisa a gente fez agora, exatamente, esse cara esteve aí, então ele deve ter pedido para não destruir. Então, as amostras não foram destruídas. Então, o que eles justamente eles fizeram foi o seguinte, eles foram de uma aproximação muito grande com uns cientistas russos que tinha um vírus, agora tem um projeto de pesquisa juntos, para. Eles tem que descobrir uma vacina melhor, mais rápida que a Varíola, eles tem que descobrir um método de diagnóstico mais rápido também. E tem que apli... fazer droga, tratamento de droga, tem umas drogas que funcionam contra a Varíola. Então essas drogas. Então essas três linhas, tem que fazer em macaco, tem que inocular o um macaco, fazer teste com macaco, então é uma doença igual o homem. Então (inaudível) o macaco, fazer o teste no macaco, (inaudível) então isso tem que ser feito. Então eles resolveram fazer dessa forma, resolveram de não destruir.

D - Isso pensando numa guerra bacteriológica?

H - É vamos ver se esse processo acaba, vamos ver.

D - Mais uma questão fora da Pólio. A gente queria que o Senhor desse um breve apanhado da situação da Dengue aqui no Rio de Janeiro.

H - Da Dengue?

¹⁸Organização Mundial de Saúde (OMS).

D - É. Que o Senhor está a frente dessas pesquisas.

H - A Dengue, a Dengue ela infelizmente o mosquito ele se reimplantou nas Américas, né? ele tinha sido erradicado, mas ele se reimplantou na década de sessenta, ele foi erradicado totalmente e quase, em quase todos os Países, exceto na Ilha do Caribe, Venezuela e Estados Unidos. Nos Estados Unidos ele não é erradicado. Então, o Aedes aegypti continuou nesses países, depois desses países depois com o tempo, ele acabou voltando para todo o mundo. Então, é um processo em que ele se implantou de uma forma muito intensa, quando chegou no Brasil, em setenta e cinco lá na Bahia, e em setenta e sete aqui no Rio, ele não foi cuidado da coisa direita, tento controla-lo e acabou se implantando da forma que está. Eu acho que mosquito é difícil, mosquito é muito difícil de controlar, principalmente agora com a situação das plantas, as áreas urbanas, da maneira como está aí. É muito difícil de você controlar, agora é difícil você, agora se você não tiver, manter um programa muito forte, para controlar. Erradicar eu não acredito, mas controlar, se não for uma coisa muito forte você não consegue. Então eu acho que no Dengue faltou um processo de...

D - Uma ação política mais efetiva.

H - Exatamente, as pessoas que realmente poderiam fazer isso a nível estaduais, não estão coordenadas, não há uma coordenação. Não há uma coordenação. As pessoas normalmente não se implantam, não se engajam no processo, eles alegam que não tem dinheiro, que não podem, que tem outras coisas, e o processo vai empurrando com a barriga. Toda a vez que entra um vírus novo, tem toda essa confusão, daqui há seis meses ninguém fala mais nada, porque no jornal todo dia sai na página principal, agora já está saindo na segunda página, daqui há pouco vai sair uma notinha embaixo. Então, morre tudo e aí acaba. Isso aí é experiência mundial, não existe, nenhum processo que substitua a visita de casa a casa. A televisão não passa a imagem, porque a coisa mais difícil do mosquito é você convencer o cidadão, que mal sabe ler coitado, que aquele troço que está ali dentro d'água ali pulando, ele vai voar. Você não consegue passar isso, é incrível, você não consegue passar. Você pode fazer, ele pode até ouvir e concordar com você, mas ele não entende como aquele troço vai voar. Isso não sou eu que estou falando não, isso está escrito no livro. Então, esse processo é muito complicado. Você tem que ir, você tem que falar com ele pessoalmente, dizer assim. Está aqui o mosquito e mostrar, se não mostrar que isso aqui vai levantar vôo, ele vai só... mostra a fotografia, então não sai. A pessoa não consegue entender. O quê que tem aquele troço com o mosquito? Então é esse processo, se não for de casa em casa, você não muda. De casa em casa não está indo. O Oswaldo Cruz tinha dez mil pessoas, dez mil pessoas, no tempo da campanha dele. Quanto é que tem agora?

D - Eram dez mil auxiliares?

H - É. Na campanha dele trabalhou com dez mil pessoas. E tem muito mais aqui, agora. E gente assim, altamente motivada, ali do lado dele o tempo todo, e ia de casa em casa.

A - Em uma explosão urbana que...

D - Devia de ter 300 mil pessoas se tivesse. Eu me lembro quando eu era garoto, chegou a um milhão quando eu era garoto. Eu me lembro muito bem disso. Ah! Um milhão de pessoas no Rio! Eu era garoto, devia ter uns dez anos.

D - Em 1900 tinha mais ou menos, 600 pessoas no Rio de Janeiro.

H - (Risos) É. Não sei, 600 era pouco, acho que um pouco mais.

D - 600 mil, quer dizer.

H - 600 mil. É. Então, ele tinha dez mil pessoas, então era um exército realmente aí pela rua, direitinho. Era um sistema organizado. Na minha casa ainda tem o papelzinho, lá da chamada febre amarela que ia lá. Aí veio aquela reforma, juntaram a, como é? Acabou com a SUCAM¹⁹, juntou tudo uma coisa só.

A - Na Fundação SESP²⁰ depois juntou tudo.

H - Aí os técnicos não funcionam, bota pra fora, demitiram um bocado de gente, depois teve que voltar todos obviamente, porque eles não tinham como fazer aquilo, não tinham fase legal nenhuma. Mas aí desarmou, destruiu. Cada Município tinha um mata-mosquito.

D - Do ponto de vista técnico, haveria procedimentos para controlar o mosquito? A Dengue? Diagnosticar o vírus?

H - No ponto de vista técnico, teria. Por exemplo, o diagnóstico de Dengue no Brasil, foi criado por mim. Aqui, eu e o grupo aqui. E a realidade foi o Arouca, o Arouca... a gente sabia que tinha mosquito, tinha Aedes demais aqui no Rio de Janeiro. Aí, veio um papel da OPAS, dizendo que ia ter um curso na Venezuela, isso foi em fevereiro de oitenta e seis. Ia ter um curso na Venezuela para treinamento em Dengue. Ninguém tinha experiência em Dengue aqui, ninguém tinha anti soro, não tinha nada. Aí eu falei com o Morel? e o Morel? falou com ele. Falei Morel?, o Dengue vai entrar aqui, vai entrar o negócio está muito feio, tem muito mosquito, já tem Dengue para tudo quanto é lado aí, na Venezuela, na Colômbia, vai entrar aqui, tem esse curso aqui e a OPAS não está pagando nada, nós temos que mandar uma pessoa lá. E mandou, mando e quando essa pessoa veio, trouxe todos os matérias, já foi para testar em Nova Iguaçu. Ela já foi testar com material de campo. Os nove soros, tudo positivo. Tudo tipo um. Eu falei, eu liguei para Arouca. Nós acertamos na mosca, e daí então começou todo o processo, espalhou para tudo quanto foi lado. No mesmo ano já estava em Fortaleza, deu um epidemia tremenda lá, uma coisa horrível, foi com tipo um. Agora esse tipo três, ele entrou na Nicarágua em noventa e quatro, ficou claro que ele era mais perigoso que os outros, morreu muita gente lá. A OPAS fez um documento, eu vou falar, amanhã eu vou falar no Instituto do IOC, vou contar essa história, eu tenho o positivo disso, mostrando que a OPAS mandou um

¹⁹ Superintendência de Campanhas de Saúde Pública.

²⁰ Secretaria do Estado de Segurança Pública.

documento, dizendo que é um risco alto esse tipo três, esse tipo três, desceu toda a América Central, ele entrou para a América do Sul, ele entrou para a Venezuela, entrou na Colômbia, o tipo três está aí. Pois bem, eles não tomaram nenhuma providência específica para o tipo três, nenhuma, quando isolou o tipo três lá em Nova Iguaçu, não foi por acaso, foi porque a gente toda a semana recebia material lá de Nova Iguaçu. Vários anos recebendo material de Nova Iguaçu, não foi por acaso, não foi sorteado na loteria não, porque a gente trabalhava, a gente ia lá, vinha um rapaz com o sorinho, inoculava tudo, colocava tipo 1, tipo 2. tipo 1, tipo 2, um dia deu o tipo 3. Eu falei assim, isso vai entrar por Nova Iguaçu ou por Niterói. Foram os dois que entraram. O tipo 3 entrou por Nova Iguaçu, o tipo 2 entrou em Niterói. Tem que fazer dos dois. Tem uma vigilância virológica?. então não foi por acaso, a gente isolou o vírus dia quinze de dezembro, começou o caso da moça. Qual foi a primeira reação? Veio uma nota oficial da FUNASA²¹, chamou a gente de alarmista, e dizendo que a gente tinha divulgado o material para a imprensa. Não fomos nós que divulgou. Eu divulguei para a Secretaria de Saúde, Rio e Niterói. Não Rio, o Estado e lá em Brasília, para a imprensa nós não divulgamos nada. Quem divulgou foi uma das Secretarias aí, eu não sei. Depois mandaram um pessoal para Nova Iguaçu, fizeram um estudo, concluiu que deveria ser um erro do laboratório, nunca escreveram no papel porque não tinham coragem. Mas concluíram que sim, tanto que eu fui a uma reunião em Brasília logo depois e disse assim, é impossível que tenha um caso só de Dengue. O Dengue é sempre epidêmico, porque a gente fez um trabalho sério, foi coletado toda a semana, pegamos o primeiro caso. Em suma fizeram tudo, menos uma coisa. Ir para lá combater o mosquito. No dia seguinte, tinha que estar lá todo mundo de, sabe de, de... (inaudível) sena, tentar em volta do caso para reduzir, porque o segundo caso, levou um mês e meio, pensa bem levou um mês e meio depois que deu o segundo caso.

D - Dava tempo.

H - Dava tempo, não vai dizer que acabava com a epidemia, mas dava uma reduzida forte. Muito forte, não fizeram, tudo aconteceu, menos o que tinha de fazer. Que era ir para lá. Aí não dá. Eu acho que a liderança em Brasília é muito fraca, muito fraca, e não há repercussão do estado, as pessoas não acreditam mais naqueles processos mais. Então, tinha que dar realmente uma mexida grande. Enquanto não fizer realmente uma política nacional, talvez umas ONGs para cuidar disso, porque a ONG é muito bom. ONG de Hepatite, fala grita por aí, tudo, e o governo atende. Se fizesse uma ONG contra o mosquito, eu acho que dava uma virada grande, sabe? Porque, eles tem recursos para movimentar, para falar, manter a campanha o ano todo. Está faltando a ONG para o mosquito.

D - (risos) Tem que criar uma ONG para o mosquito.

H - Gente, vamos, eu tenho que subir porque me chamou lá, e eu estou super atrasado.

D - Eu queria agradecer ao Senhor.. só precisávamos que o Senhor. é...

²¹ Fundação Nacional de Saúde.